



Cadernos do nefando: a experiência homoerótica na literatura da guerra colonial

Paulo Alexandre Pereira
Universidade de Aveiro

PALAVRAS-CHAVE: HOMOEROTISMO, LITERATURA DA GUERRA COLONIAL, HOMOSSOCIALIDADE, PAPÉIS SEXUAIS, *DRAG*.

KEYWORDS: HOMOEROTICISM, COLONIAL WAR LITERATURE, HOMOSSOCIALITY, SEXUAL ROLES, *DRAG*.

Penso: melhor o esperma do que o sangue.

Philippe Besson, *em tempos de guerra*

1. A utilização imprópria da expressão *cadernos do nefando* para designar os textos de aqui tenciono ocupar-me justifica uma anotação preliminar. Os cadernos do nefando constituíam, como é sabido, os inventários inquisitoriais das práticas eróticas julgadas desviantes e neles os sodomitas, por afrontarem a natureza procriativa da sexualidade consentida, derramando o seu sémen no «vaso proibido», figuravam com esperada proeminência. Para o caso, interessa-me na designação tanto o acto do registo material que o caderno conserva, como o paradoxo de nele se escrever acerca do que, em rigor, é da ordem do improporável e deverá, desejavelmente, ser silenciado. Explico-me: se, por um lado, a referência ao caderno convoca a tradição da escrita-testemunho dos *carnets de guerre* , cuja palavra-vestígio circunstancial refigura, numa lógica, de introjecção intimista,

o trágico tablado onde se desenrola o confronto bélico¹; por outro, a categoria do nefando, desembaraçado do fardo da teologia do medo a que o Santo Ofício tão competentemente recorreu, reenvia para a interdição da palavra e torna imperativa uma retórica do sigilo, pontuada de perífrases e preterições, na nomeação de um erotismo proscrito.

Ora, se o gesto testemunhal e confitente, de que o diário de campanha representa a exemplar decantação, aparece repetidamente esboçado nos escritos de guerra, também neles se surpreende um movimento pendular entre esquecimento e memória, repressão e expressão. Com efeito, como tem convincentemente demonstrado Roberto Vecchi, nos diversos estudos que tem consagrado ao assunto, a memória traumática, ficcionalizada na literatura da guerra e fixada através de uma postura melancólica transfigurante, define-se por um *excesso* que desafia a representação. A irredutibilidade do que se viveu ao que se conta, imputável a esse atrito da linguagem que não permite dar conta do inominável e do indizível, abre um hiato de segredo intransitivo que poderá aparentar-se à construção da gramática inquisitorial do *nefando*. Trauma e suspensão da escrita coabitam, pois, na literatura da guerra, conduzindo, em alternância, à sobressaltada renarrativização terapêutica do passado estilhaçado ou, no extremo oposto, à agrafia e ao «segredo patogénico» (Quintais, 2000: 84), retoricamente veiculado pela figura da elipse. Como procurarei demonstrar, a representação da experiência homoerótica na literatura da guerra colonial – seja ela entendida como depoimento, manifesto ou tropo – é partícipe desse regime de silêncio, ditado tanto por uma moral sexual coercitiva, como por uma reincidente autocensura. Privado de linguagem, sobrevivendo a custo num regime de heteronormatividade hostil, este *eros* dissidente será compelido a recorrer à sobredeterminação do gesto, do toque ou do olhar, reinventando a semiótica amorosa que acompanha modelos inéditos – e extremos – de sexualidade masculina.

Centrar-me-ei, então, num elenco de textos, integráveis no *corpus* da literatura portuguesa da guerra colonial que inclui relatos de encontros homoeróticos – e que, no plano da sintagmática narrativa, configuram tanto subintrigas adjacentes como relatos mais distendidos – ocorridos em contexto de guerra colonial, numa das três frentes de batalha (Angola, Moçambique ou Guiné-Bissau). Concedi prioridade, sem preterir outras formas literárias às quais recorrerei pontualmente, a narrativas breves em função do seu potencial ilustrativo,

¹ A propósito da análise de um *carpet de guerre* relativo ao conflito de 1914-1918, Philippe Dautrey sublinha justamente que estes escritos «ont moins pour fonction de véhiculer un contenu que de donner une identité à leurs auteurs et de leur permettre d'accorder la réalité guerrière avec leur propre univers» (Dautrey, 1992: 249).

considerando tanto a diversidade ficcional dos códigos eróticos, como as suas distintas modalidades de funcionamento diegético e de expressão ideológica. Contorno, premeditadamente, a *uexata quaestio* que constitui a determinação da especificidade genológica desta literatura da guerra, matizada, no caso dos textos que selecionei, em função das coordenadas socio-históricas que profetizam o fim do ciclo imperial africano. Esta questão é, evidentemente, indeligiável de um conjunto de perplexidades teóricas cuja dilucidação exorbita o âmbito deste estudo, mas de que me encontro consciente: a natureza pluriforme deste cânone textual, a permeabilidade das suas fronteiras tipológicas que não autonomizam convincentemente estes textos em relação a outras formas paraliterárias adjacentes, as aporias da representação indissociáveis da escrita da guerra como narrativização do trauma, a oscilação do estatuto destes textos entre o documento e o monumento, numa convivência tensa entre o verismo do *factum* e a reconstituição transfigurante do *factum*.

Tanto quanto pude apurar, foi Rui de Azevedo Teixeira quem primeiro terá salientado, no estudo que dedicou à guerra colonial no romance português, a assiduidade de «enredos que se desenvolvem tendo por fundamento uma relação homossexual» (Teixeira, 1998: 108), mesmo se, em ensaio já posterior, Eduardo Mayone Dias qualificava ainda o romance *Até Hoje. (Memória de Cão)*, de Álamo Oliveira, como um «caso algo insólito» (Dias, 2001: 416). Distinguindo o tema da homossexualidade masculina, largamente glosado em *Lugar de Massacre*, de José Martins Garcia, e em *Os navios negreiros não sobem o Cuando*, de Domingos Lobo, – «sendo homofóbico o primeiro romance e homofílico o segundo», acrescenta o ensaísta (Teixeira, 1998: 353) –, da sua presença como «tema tangencial» em *O Capitão Nemo e Eu*, de Álvaro Guerra, e em *Nó Cego*, de Carlos Vale Ferraz, ou como «curta referência» em *Os Cus de Judas*, de Lobo Antunes, e do lesbianismo, «aflorado em [Costa dos] *Murmúrios*», de Lídia Jorge, Rui de Azevedo Teixeira parece deduzir dos testemunhos compulsados uma discutível graduação do tratamento literário do «vício colonial» (Aldrich, 2003: 410), desatenta ao amplo espectro tonal que os caracteriza, sendo, no entanto, seu o mérito de ter neles rastreado a expressiva incidência do vector homoerótico².

Registe-se, desde logo, o paradoxo que o tema instala em sede ficcional, ao impugnar o ideal de hipervirilização castrense e ao contraverter a norma heterocêntrica da instituição militar, estatuidando um forte veio de resistência ideológica subliminar. Na realidade, terri-

² Também o escritor Domingos Lobo o fará em data posterior, acentuando que «outro dos elementos que a literatura sobre a guerra introduz no discurso ficcional é o da sinceridade: sinceridade emocional, ideológica, afectiva, sexual. Aliás, a sexualidade é um dos temas sobre o qual alguns autores não escamoteiam as suas opções, assumindo até, claramente, as diferenças, as orientações sexuais» (Lobo, 2001: 439).

tório androcêntrico por excelência, a guerra converte-se em teatro de uma masculinidade hegemónica e espaço de confirmação de «uma matriz heterossexual»³, mesmo se, historicamente, a confrontação bélica tem implicado a remoção do feminino⁴. Mas, enquanto experiência do limite, ela favorece a emergência de uma teia complexa de sociabilidades masculinas em trânsito, numa escala emocional que esbate contornos e fluidifica fronteiras. Como muito bem assinala Santanu Das, reportando-se embora à literatura da Primeira Guerra Mundial, esta intimidade entre homens que se sabem provisoriamente sós e com uma vida entre parênteses terá que ser entendida, não exclusivamente como código sexualizado, mas sobretudo como tática de sobrevivência pelo afecto. As palavras do autor parecem-me válidas para qualquer cenário bélico, guerra colonial incluída:

(...) homoeroticism has to be understood within the new conceptual parameters and a different economy of emotions.

In the military, bodily contact is often one of the primary means of fostering loyalty, trust, and unity within an army unit. In the trenches of the western front, where life expectancy could be as short as a couple of weeks, same sex ardour, bodily contact, and (in some cases) eroticism should not be understood solely in contrast to heterosexuality, nor viewed only through the lenses of gender and sexuality. Such intimacy must also be understood to exist as a *triumph over death*; it must be seen as a celebration of life, of young men huddled against long winter nights, rotting corpses,

³ Recupero aqui o conceito de matriz heterossexual com a conotação compulsória que lhe reconhece Judith Butler: «I use the term heterosexual matrix (...) to designate that grid of cultural intelligibility through which bodies, genders, and desires are naturalized. I am drawing on Monique Wittig's notion of the 'heterosexual contract' and, to a lesser extent, on Adrienne Rich's notion of 'compulsory heterosexuality' to characterize a hegemonic discursive/epistemic model of gender intelligibility that assumes that for bodies to cohere and make sense there must be a stable sex expressed through a stable gender (masculine expresses male, feminine expresses female) that is oppositionally and hierarchically defined through the compulsory practice of homosexuality». (Butler, 1990: 151)

⁴ Esta solidariedade de género é, seguramente, uma das razões que explicam que a experiência da guerra se torne intraduzível para o público feminino que dela não participou, sobretudo quando, como aconteceu maioritariamente no caso da guerra colonial, a mulher ficou confinada à domesticidade metropolitana. Como observa Helena Neves, baseando-se em entrevistas a ex-combatentes, «Ressalta das declarações que as experiências partilhadas produziram quase sempre, um tipo de intimidade entre os combatentes que eles pensam ser incompreensível para as mulheres. Não somente as experiências do horror mas também as outras, as solidariedades, as confidências sobre a mulata ou a negra que os começava a prender, sobre o desejo pelas lavadeiras muitas vezes não atendido, sobre o receio de que as doenças venéreas os "lixassem para sempre", o fantasma da impotência. E também o medo de não regressarem, de serem esquecidos, de não chegarem a conhecer os filhos, entretanto nascidos, não voltarem a ver os que iam crescendo» (Neves, 2004: 61).

and falling shells. (...) Physical contact was the wonderful assurance of being alive, and more sex-specific eroticism, though concomitant, was subsidiary. (Das, 2005: 118)

Ao abrigo da dolorosa presciência de que se vive a prazo, parece, portanto, aceitável esboçar o gesto ou arriscar o toque sem perigo de infringir uma qualquer doxa sexual⁵. A camaradagem masculina entre companheiros de armas que nasce e se robustece na geografia concentracionária do quartel-androceu, nas trincheiras ou nas picadas africanas, apoia-se na liturgia ritual do *male bonding* que estimula o sentido de pertença e de identidade compartilhada. Inscreve-se, assim, no território mais lato da homosocialidade ou, mais rigorosamente, da homoafectividade, o termo proposto por Paul Hardman (1993: v) para designar os sentimentos de empatia metassexual, de altruísmo moral, entreajuda e lealdade que aproximam parceiros do mesmo sexo, sem necessariamente implicar a prerrogativa da atracção homoerótica⁶, conquanto ela possa também exprimir-se obliquamente em contextos que, como o militar, são especialmente adversos à homotropia. De facto, como refere Robert Aldrich, a propósito dos exércitos coloniais,

The ethos of the army (and navy) was profoundly homosocial with men sharing barracks, dressing and bathing in promiscuity, and living and fighting in close physical proximity, their minds necessarily focused on physical fitness and, after battle, the nursing of the injured and the burial of the dead. (...) Army life encouraged, indeed necessitated, close friendships among men in the line of

⁵ Como destaca o autor, estes episódios de contacto físico masculino levantam importantes questões sobre a relação «between the experiential reality of the body under physical extremity and the social constructions of gender and sexuality» (Das, 2005: 115).

⁶ Traduzo o termo *homoaffectionalism* por homoafectividade. Como refere o autor, no decurso da sondagem diacrónica da presença da homoafectividade masculina que apresenta, desde a epopeia de *Gilgamesh* à contemporaneidade, «the word means same-sex relationships which do not necessarily involve homosexual sex acts, but do involve strong emotional bonding, which may or may not include sexual conduct. The emphasis is on affection and bonding regardless of any carnal involvement. As defined, it recognizes the phenomenon of mutual altruism between individuals of the same gender and recognizes the basis of mutual support, loyalty, and cooperation needed (in our view) to allow civilization to develop. It would be difficult to imagine a military organization that does not rely on homoaffectionalism for maintaining loyalty among its members» (Hardman, 1993: v-vi). Na mesma linha, Donald Spoto salienta que o conceito de *male bonding* supõe «a metassexual affinity. It points at the radical personal incompleteness his characters feel within themselves, an emptiness that may be filled in some respects by a woman, but in other respects only by another man. It is, finally, one of the highest forms of spiritual love, and is quite another thing than a homosexual relationship, as it's quite another thing than a heterosexual relationship. It's the kind of affinity, in the final analysis, toward which all, other beautiful and true commitments tend» (apud Eberwein, 2007: 23-24).

danger. Rest and recreation involved immoderate drink, a lowering of inhibitions and the search for sex, wherever it might be found. (Aldrich, 2003: 79)

Por analogia com o género do *buddy film*, poderia, pois, para grande parte da ficção sobre a guerra colonial, determinar-se uma categoria da *buddy novel*, em que a celebração da masculinidade e das relações homosociais vai de par com uma prudente rasura de qualquer insinuação de dissidência sexual⁷. De facto, embora um *continuum* erótico-emocional aproxime, em indisfarçável cumplicidade, homosocialidade e homossexualidade, e as manifestações deste sentimento de camaradagem masculina possam deslizar para a ambígua expressão emocional ou física de uma afectividade amorosa liminar, parece arriscado insistir na intensidade das amizades masculinas sem, num cauteloso exorcismo, não raras vezes de contornos derrisórios, afugentar o fantasma homossexual.

2. Embora, em larga medida, inspiradas nos paradigmas coloniais inglês e francês, as recentes intersecções teóricas de estudos *queer* e leituras pós-coloniais têm reivindicado a importância da vertente homoerótica para o entendimento do encontro colonial como «desiring machine» (Young, 1995: 159), traduzindo-se na concretização de projectos imperiais tanto pela espada como pelo pénis (Roger Bastide, apud Teixeira, 1998: 83)⁸.

Argumentando que, já em finais do século XIX, ganhava terreno, no espaço europeu, a imaginação do império como «homosexual playground» (Aldrich, 2003: 5) e das colónias como «potential homosexual utopias» (ibid.: 145) ou «Arcadia[s] in ebony» (ibid.: 409) e, depois de aduzir abundantes atestações históricas de que «male bonding proved essential to the colonial adventure» (ibid.: 4), Robert Aldrich conclui:

Colonial homosexual connections included both 'platonic' friendships and hotly physical relationships, brief encounters and long-lasting partnerships. Some European men sought European partners; others preferred 'natives'. There was casual sex and abiding love, consensual pleasure

⁷ E, por isso, como insiste Santanu Das, «in order to discuss intense same-sex relations during war, we must introduce a different and less distinctly sexualized array of emotional intensities and bodily sensations, a fresh category of *nongenital tactile tenderness* that goes beyond strict gender divisions and sexual binaries» (Das, 2005: 119).

⁸ Como defende Hema Chari, «In fact, one could unequivocally claim that perhaps nowhere else are the sexual dynamics of same-sex desire so powerfully underwriting questions of identity and subjectivity as within the cultural politics of colonialism». A autora esclarece o modo como o paradigma homosocial do colonialismo contribuiu para postular uma genealogia da masculinidade, posteriormente reforçada pelo discurso pós-colonial, em que a hipervirilidade caucionava a hegemonia política e cultural (Chari, 2001: 278).

and violent abuse, unreciprocated longing and brazen seduction. There is no simple model of colonial homosexuality. (ibid.: 406)

Se são inúmeros os testemunhos de uma homossexualidade situacional, feita de encontros acidentais, concitados pelo afastamento das mulheres da arena colonial ou legitimados pela violência arbitrária da economia sexual do império, – sem, por conseguinte, ameaçarem o *ethos* da masculinidade sancionado pelo aparelho ideológico colonial – eles não devem, por outro lado, eludir a porosidade das fronteiras «between adolescence and adulthood, free and paid sexual favours, exclusive homosexuality and exclusive heterosexuality, situational behaviour and confirmed identities» (ibid.: 11)⁹.

Acresce que a ponderação da especificidade das sexualidades coloniais implica o *aggiornamento* crítico do conceito de masculinidade, sintonizando-o com os vectores da raça e da etnicidade, tanto na óptica do colonizador como na do colonizado. Robert Young argumenta, por um lado, que, no império britânico, o repúdio da miscigenação não deixou de tornar tentadora, pelo seu carácter não procriativo, a alternativa homossexual, que aliás se compagina com a imagotopia largamente difundida da efeminização dos povos indígenas (Young, 1995: 26-29). Demonstrativa da posição da facção colonizada pode considerar-se a lapidar asserção de Frantz Fanon, para quem «(...) o negrófobo é um homossexual recalçado» (Fanon, 1975: 168)¹⁰. O autor reitera aquele que, no contexto da relação entre o continente africano e as potências coloniais do Ocidente, se convertera no mito da inexistência do homoerotismo na África pré-colonial¹¹, caucionado pela sinistra aliança de racismo branco, opressão colonial e homossexualidade.

⁹ «The male world of colonialism encouraged situations where slippage from friendship to love, from emotional to physical intimacy, and from the frustrations of *dépaysement* to the consolations of sex might easily occur» (Aldrich, 2003: 108). Ronald Hyam exprime opinião substancialmente distinta, chamando a atenção para o anacronismo e desajuste contextual do conceito – contemporâneo e ocidental – de homossexualidade: «There is ample evidence from all parts of the empire of sexual contact between males. This was, however, almost entirely opportunistic or the product of circumstance, and without prejudice to relationships with women. In other words, it was essentially bisexual. The evidence of the empire suggests a powerful case for the deconstruction of the idea of homosexuality, which is merely a recent western concept» (Hyam, 1992: 212).

¹⁰ E acrescenta ainda: «Sempre no plano genital, o Branco que detesta o Negro não obedecerá a um sentimento de impotência ou de inferioridade sexual? Sendo o ideal uma virilidade absoluta, não haveria um fenómeno de diminuição em relação ao Negro, percebido este como símbolo do pénis? O linchamento do preto não seria uma vingança sexual? Sabemos quanto as sevícias, as torturas, as pancadas comportam de sexual» (Fanon, 1975: 170).

¹¹ Sobre o assunto, veja-se Desai, 2001 e Mott, 2005.

À parte de reconhecidas idiossincrasias, em muito atribuíveis à fortuna salazarista da vulgata luso-tropicalista e ao astucioso uso político que dela viria a fazer a política ultramarina do Estado Novo, não há razão para pensar que o colonialismo português não pôs em marcha uma idêntica «máquina desejante». Como já notou Guilherme de Melo – a par de António Botto que, na sua juventude, exerceu obscuras funções burocráticas em Angola, o único autor português a merecer uma passageira menção no estudo de Robert Aldrich¹² –, tem-se, inexplicavelmente, negligenciado a investigação do papel que, na história do colonialismo português, desempenharam o amor e o sexo, em especial na sua variante homoerótica. A preconceituosa supressão dessa «componente para muitos incómoda» (Melo, 2001: 190) não deve, naturalmente, ser julgada como excepção lusa à universal lei do desejo. Para além dos «jogos proibidos» ou das «ligações perigosas», que a solidão sexual dos jovens mobilizados para África não podia deixar de tornar sedutores, nas grandes cidades, como Lourenço Marques, a prostituição masculina tornara-se prática corrente, permitindo aos mancebos oriundos das camadas desfavorecidas da metrópole usufruir, durante os anos da sua comissão, de um amparo material e afectivo, prodigalizado, regra geral, por um homossexual bem instalado, «misto de professor Higgins e Cecília Supico Pinto» (Pitta, 2003: 21), como, com humor certo, Eduardo Pitta retratou o protagonista da autobiografia ficcionada de Guilherme de Melo. Com efeito, na extensa saga romanesca intitulada *A Sombra dos Dias* (1981), o autor relata, mobilizando protocolos romanescos tributários da *faction* norte-americana, as «estórias dos dias de vinho e rosas que precederam o descalabro imperial» (ibid.: 20). A reportagem da acidentada trajectória biográfica de Guy, transparente *Ersatz* do autor, é pontuada por episódios avulsos de sexo sem história ou de projectos, sempre malogrados, de alcançar uma mais sólida parceria amorosa, sendo inúmeros os companheiros, ocasionais ou duradouros, por ele recrutados de entre essa soldadesca flutuante que, ao ritmo da chegada de novos contingentes militares a Lourenço Marques, vinha desaguar na Rua Araújo, adequadamente apodada de Rua do Pecado. Parece, pois, não estar longe da verdade Eduardo Pitta quando enfatiza esta peculiar fetichização do soldado, sugerindo que «a figura do magala é com certeza um *fantasma* português» (ibid.: 29). E magalas, ávidos de sustento e companhia, não faltavam, a julgar

¹² O autor refere-se expressamente ao romance documental de Guilherme de Melo intitulado *A Sombra dos Dias*, a meio caminho entre a autobiografia e a reportagem, anotando que «Melo painted a picture of an intense colonial homosexual life in Mozambique, but traces of homosexuality appear in almost all colonies, waiting only to be discovered by historians» (Aldrich, 2003: 85).

pela desvairada fauna urbana que, de acordo com o testemunho do narrador do romance de Guilherme de Melo, coabitava na Lourenço Marques de vésperas da guerra colonial:

Sob o estímulo da tropa, novos bares e clubes de diversão pululavam pela cidade. Extravasavam da Rua Araújo e da zona do porto para outras áreas urbanas, salpicando já a própria área dos subúrbios. O *strip-tease* tornava-se banalidade. Vindas de Portugal em número cada vez maior, prostitutas estabeleciam-se de casa posta por todos os lados, disputando o mercado às negras de loucas perucas coloridas e meias de seda branca emergindo de minúsculas minissaias. Gloriosos, os homossexuais avançavam agora à clara luz do dia para a conquista do seu mundo. Durante anos haviam-se conservado nos seus apartamentos, ocultos por detrás de convencionais máscaras de circunstância com que se defendiam dos dichotes de uns e da fria segregação de outros. Agora, entravam em euforia. Viam-se por toda a parte – nos cafés, nos restaurantes, nos cabarés ou na praia, nas esplanadas e nos cinemas – exibindo os companheiros privativos ou rodeando-se de uma corte de soldados e fuzileiros, num alarde de risadas a vozejar. Pela primeira vez, os *travestis* de rosto pintado e cabelos tratados em salões de beleza davam às esquinas da Baixa o insólito da sua presença. E nos *night-clubs* mais caros da cidade, os seus *shows* de bouás e plumas tornavam-se na coqueluche a que toda a alta burguesia acorria alvoroçada. Velhos sacerdotes iracundos bramavam, do alto dos púlpitos, contra Sodoma e Gomorra renascidas. Mas já ninguém temia ser a mulher de Lot. (Melo, 1981: 321)¹³

Este factício éden homossexual só pode compreender-se, naturalmente, à luz de uma propiciatória – e inédita – circunstância colonial. Na realidade, como facilmente se deduz, esta licença sexual era flagrantemente discorde da austera disciplina erótica procedente da

¹³ Como, em passo posterior do romance, assinalará o narrador, o deflagrar da guerra colonial em Moçambique virá acentuar a permissividade sexual e, previsivelmente, tornar ainda mais assídua a afluência das tropas ao *bas-fond* da capital: «À medida que a guerra se fora arrastando, a velha rua do pecado tornara-se cada vez mais num rio rumorejante e semilouco que extravasava para os recintos de diversão que a ladeavam e deles refluía, mais louco ainda, de novo para o seu leito. A tropa marcava ali encontro. Era uma amálgama de blusões brancos de marinheiros e fuzileiros, de boinas verdes dos pára-quedaistas, dos camuflados dos comandos, das botifarras negras dos pisteiros do mato, de fardas cor de azeitona da soldadesca indiferenciada e dólman azuis da Força Aérea. E tudo isso envolto no frenesim de prostitutas de todas as cores e idades, de homossexuais de todos os estilos, de *travestis* espalhafatosos – entre a Polícia Militar e a civil, as revoadas compactas de turistas e a marinagem dos navios fundeados ao largo ou em trânsito no porto. Receosa e altiva, a burguesia branca passava à distância. Raramente se atrevia a descer à rua proibida» (Melo, 1981: 440).

metrópole e consignada na doutrina moral e cívica do Estado Novo, um descaso que veio a gerar uma involuntária ironia histórica: o mesmo regime que, no seu aparato discursivo oficial, proclamava as opressivas virtudes da sacrossanta conjugalidade e coagia a uma metódica elisão do corpo sexualizado fomentava, sem o saber, nas remotas periferias coloniais, uma vibrante anarquia sexual¹⁴. À semelhança de outros fascismos, também a ofensiva doutrinária do Estado Novo, obcecada com a «regulação micropolítica do corpo» (Ornelas, 2001: 71), procedeu ao encarecimento da virilidade e da energia vital, projectando-as na comunidade imaginada da nação e desconectando-as, portanto, de uma matriz erótica¹⁵. Promulgava-se, assim, um paradoxal modelo de masculinidade assexuada. Na penetrante leitura crítica que desenvolve em torno dos discursos de representação do *corpo fascista* na narrativa portuguesa contemporânea, José Ornelas lembra que

(...) this virility must nor be confused with sexuality or eroticism. Only natural and healthy sexual acts were accepted by fascist rhetoric. In reality, one of the central tenets of fascist discourse with respect to the body was the death of sexuality understood as pleasure. A body that is virile, wilful, vital and full of life was the goal of fascism, but it also was conceived as a desexualized body. (ibid.: 67)

Esta sublimação antierótica, que impugnavia a libido libertária como medida social profiláctica, modelarmente celebrada no arquétipo do guerreiro-santo, era, como sublinha ainda o mesmo autor a partir do exame de diversos testemunhos ficcionais, instabilizada pelo excesso disruptivo da reprimida sexualidade feminina. Parece-me poder sugerir-se que o *eros* homossexual detinha análogo poder subversivo e indisciplinador, razão pela qual, num caso como no outro, a masculinidade totalitária em que se escorava o patriarcalismo imperial não deixava falar os subalternos¹⁶, também eles metaforicamente colonizados como o Outro.

¹⁴ Essa ironia não escapou a Guilherme de Melo que observa precisamente que «não deixa de ser irónico, como, sendo aquele um regime de tal modo preocupado com a intransigente defesa da moral e dos bons costumes, de tal forma apegado aos sacrossantos valores da família cristã, firme na sua indissolubilidade e na sua coesão interna, de modo tão decisivo acabou afinal por contribuir para a destruição de todo esse mundo, ao arrastar a sua juventude para uma guerra que por completo a subverteu» (Melo, 2001: 191).

¹⁵ Sobre o assunto, vd. o capítulo intitulado «The New Fascist Man», integrado no estudo de George Mosse (Mosse, 1996: 155-180). Como destaca o autor, «(...) the importance of manliness as a national symbol and as a living example played a vital role in all fascist regimes. (...) Fascism used manliness both as an ideal and in a practical manner in order to strengthen its political structure, but devotion to a higher cause was at the center of its concept of masculinity» (ibid.: 155).

¹⁶ A alusão reenvia, obviamente, para o ensaio seminal de Gayatri Spivak intitulado «Can the Subaltern Speak?».

Baseando-se no Código Penal de 1886¹⁷ e na lei de 1912, o Estado Novo assimilará o homossexual, nesta última definido como aquele que se entregava a «vícios contra natura», à categoria do vadio, aí emparceirando com outros excluídos sociais, como o rufião, o proxeneta ou a prostituta. No concerto dissonante destas identidades marginais, o homossexual desorganizava

(...) os valores de honra masculinos, confundia as identidades de género, perturbava os códigos que geriam as relações entre os dois sexos, recusava a instituição familiar – pilar do Estado Novo. Todavia, ao contrário da prostituta (concebida como «louca moral», «degenerada», regredida a uma primitividade selvagem), os «actos contra a natureza» do homossexual eram menos, segundo a perspectiva médica, o resultado de uma hereditariedade mórbida mas, sobretudo, o produto de «episódios de educação», de «contágio moral» por «maus exemplos», de «privações de relações sexuais com mulheres», do «temor da gravidez», do «receio da impotência», do «medo das doenças venéreas», etc. Passivo ou na versão «*arrebenta*» (como era habitual dizer-se na gíria), o homossexual punha assim em causa a ordem social e moral preconizada e, nesse sentido, era concebido como um «estado de perigosidade». (Bastos, 1997: 238)

Ora, a associação do comportamento homossexual à vagabundagem expatrio para uma terra-de-ninguém sociológica, em que o argumento médico da perversão psicopatológica se encontra ao serviço do entusiasmo higienista que prescrevia a segregação como estratégia preventiva. Nas mitras, misto de instituições de acolhimento e manicómios criminais, eram, pois, depositados os indigentes e os alcoólicos, os doentes mentais e as prostitutas, os tuberculosos – e os homossexuais. Adoptando como divisa o *dictum* salazarista de que «politicamente, tudo o que não se vê, não é», a economia sexual do regime imiscuia-se, subterraneamente, na regulação da instituição militar. A secção intitulada «Crimes contra a honestidade», do Código de Justiça Militar, aprovado em 1925, determinava, no seu Artigo 232º, que «o militar que, a bordo ou em aquartelamento, cometer actos desonestos com outrem do mesmo sexo será punido com presídio militar de seis meses a dois anos», estipulando para as práticas ocorridas fora daqueles espaços a pena de «prisão militar ou (...) de incorporação em depósito disciplinar», agravada segundo a graduação dos perpetradores

¹⁷ «O Código Penal do Estado Novo baseia-se no de 1886 (por sua vez, resultante da revisão do primeiro Código Penal, de 1855), e nenhuma das reformas a que o submete – 1954, 1972, 1975 e 1977 – altera o princípio de criminalização da homossexualidade, que em Portugal só será abolido com a revisão de 1982» (Vitorino, 2002: s.p.).

(apud Brandão, 2008: s. p). Esta moldura repressiva combinava-se, sem conflitos de maior, com uma política de «don't ask, don't tell» *avant la lettre*. Como, em depoimento recente à jornalista São José Almeida¹⁸, explicava Mário Tomé, major na reserva com quatro comissões na guerra colonial em Moçambique e na Guiné, embora a homossexualidade fosse, até 1999, objecto de proibição explícita no Regulamento de Disciplina Militar, nem por isso deixava de constituir prática corrente, tanto entre praças, como entre oficiais do quadro:

(...) nas companhias que comandou teve soldados homossexuais que «eram protegidos e havia festas onde homens dançavam com homens e alguns vestiam-se de mulher». E conclui que, «desde que não exagerassem na exteriorização e não houvesse queixas, não havia problemas (...). Na altura, a homossexualidade era uma coisa aceite nas elites, mas socialmente condenada, mas na tropa era menos condenada. Era estranha, mas não limitava os militares. (apud Almeida, 2009: 23)

O narrador de *Lugar de Massacre*, de José Martins Garcia, menciona o rumor oficioso de que «(...) para serviço sexual de unidades isoladas, os homossexuais eram sabidamente distribuídos pelas ditas, para gáudio do pessoal» (Garcia, 1996: 101). Nem esta tolerância estratégica obstou ao incendiário processo de averiguações, iniciado no Quartel de Nampula pela Polícia Militar, em que se encontraram implicados centenas de militares, alastrando rapidamente a outras frentes de guerra¹⁹. O pretexto eufemístico da presumível existência de actividades subversivas, que colocavam em risco a segurança do Estado, era um pouco credível álibi que visava encobrir o real objectivo da investigação – apurar persistentes denúncias de práticas homossexuais que não era possível continuar a ignorar.

3. As figurações plurais do homoerotismo na literatura da guerra colonial dão conta de uma latitude de modos apresentativos que não permite discernir parentescos ficcionais

¹⁸ O testemunho consta do dossiê temático intitulado «Homossexuais perseguidos no Estado Novo», publicado em 12 de Julho de 2009, na revista *Pública*.

¹⁹ Como refere São José Almeida, «O processo começou em Janeiro de 1971 quando, após uma noite de sexo, dois soldados chamaram a Polícia Militar ao quarto onde tinham dormido com outros dois homens, acusando-os de roubo. Na casa foram encontradas fotografias de festas homossexuais envolvendo soldados. As rusgas alastraram, os interrogatórios também e por fim o escândalo instalou-se oficialmente. A palavra "homossexualidade" ou equivalente não terá ficado escrita. Mas houve vítimas de inquéritos e interrogatórios sem regras, vítimas de castigos e detenções, vítimas enviadas para a frente de guerra compulsivamente, famílias com posses que envolveram advogados para ilibar a vergonha e o apelido. E até houve o suicídio de um oficial em plena parada. Mas, com o desaparecimento do processo, nada se poderá provar sobre o que ficou nos autos» (Almeida, 2009: 22).

inequívocos e, portanto, autonomizar uma categoria textual determinada pelo vector semântico comum da homotextualidade. Com efeito, a inscrição ficcional homoerótica pode constituir um mero operador realista, destinado a garantir a verosimilhança sociológica do relato, ou, mais ambiciosamente, funcionar como expediente polifuncional, adstrito, com frequência, ao arsenal retórico anticolonialista. Em todo o caso, parece seguro admitir que, por configurar a guerra palco do mais radical horror, não há, nestes textos, onde vagueia um cortejo de corpos mutilados, espaço para uma iconografia estetizante do desejo homossexual²⁰. Neles intui-se, antes, uma radicação irremissivelmente subjectiva e intransmissível, ainda que o trágico individual pareça quase sempre inseparável do coro agónico da geração que entoa esta «literatura de requiem» (Teixeira, 1998: 100). Também neste caso, portanto, o individual é, como se compreende, político.

Não é, deste modo, infrequente a subalternização romanesca da personagem homossexual ou do episódio de teor homoerótico, uma lateralização que, quase sempre, redundando no esquematismo rudimentar da abordagem. É o que acontece em *Os Cus de Judas*, com a figura diegeticamente esbatida de um médico militar homossexual em cujo retrato convergem os *clichés* da afectação amaneirada e da androginia burlesca²¹. Concedendo que

²⁰ Esta circunstância distancia expressivamente estas narrativas dos textos analisados por Décio Torres Cruz em «Lovers in arms: literary portrayal of male love in the military», pelo que apenas parcialmente se lhes podem aplicar as seguintes palavras do autor: «The literary portrayal of homosexuality among military men in modern works shows that a hypocritical law still prevails through a prohibition which is only used to disguise same-sex desire in the barracks. As practitioner of physical exercises that mould young men's bodies into forms that resemble Greek statues, military men, as conceptualised by gay writers, develop an aesthetics through the veneration of the ideal. The idea of the beautiful and the cult of the body lead to the narcissistic worship of the mirror image» (Cruz, 1997: 63).

²¹ Cf. «O médico homossexual, na cadeira ao lado da minha, acendeu languidamente um cigarro de filtro doirado, e apagou o fósforo com o bico em copa, delicado, dos beiços. Usava um perfume denso de prima solteira, que incensava o ar de largas baforadas de açúcar gasoso. Tínhamo-nos conhecido em Londres, no outono grisalho de Saint James Park, partilháramos o mesmo quarto alugado, e eu assistia diariamente ao ritual complicado da sua toilette, cercado de cremes, de escovas, de pinças depilatórias e de caixinhas de taratuga de produtos de beleza, que ele manejava numa destra paciência de Vermeer, compondo um rosto maquilhado que se diria evadido, à socapa, de um filme de vampiros. A sua roupa interior assemelhava-se aos fatos dos trapezistas de circo, onde o lilás dos projectores se demora numa admiração extasiada. (...) Era de tal maneira feminino que a farda o aparentava a uma mulher-policia. Levou o cigarro à boca num gesto cauteloso de chávena de chá demasiado quente, e roçou por mim, de leve, os grandes olhos meigos de uma inocência sabida (...)» (Antunes, 2004: 189-190). Agripina Carriço Vieira nota, a propósito deste passo, que «mais do que nas práticas sexuais e nos gestos convidativos, [o narrador] detém-se nos cuidados com a aparência física», salientando «a metamorfose corporal à qual se dedicam paciente e laboriosamente estas

ambos se aproximam por via de uma solidão compartilhada, são reveladores os termos em que o narrador acentua a natureza dissemelhante desse insulamento – viril e insubmisso, no seu caso; frouxo e renunciante, no do médico: «De certo modo estimávamo-nos um ao outro porque as nossas solidões, a dele autocomplacente, a minha raivosa, se tocavam e confluíam num qualquer ponto comum, porventura o da inconformação resignada» (Antunes, 2004: 189). Em *Fado Alexandrino*, a brutalidade sexual inter-rácica, relatada por um veterano de guerra, cancela qualquer forma de afectividade, reificando a violência colonial através da sodomização, simultaneamente literal e metafórica, do negro:

Se a tesão me apertava ia ao posto de sentinela da sanzala, chamava o primeiro preto que me aparecia, dava-lhe vinte escudos e mandava-o arrear as calças ali mesmo... De metralhadora na direita e nota na esquerda não há quem não obedeça ao que lhe mandam, pianinho, calados, e para a frente que é serviço... De cada vez que me lembro... por pouco, seja cego, que não desato a vomitar. (Antunes, 1983: 103-104)

Na gramática narrativa de filiação realista de *Nó Cego*, de Carlos Vale Ferraz, a ênfase recai sobre a teia de relações que entre si mantêm as figuras-tipo que integram uma companhia de comandos, em Moçambique, em finais da década de 60. O valor arquetípico deste punhado de jovens é nítido e, com efeito, «a companhia é um corte transversal da

personagens [homossexuais]» (Vieira, 2008: 285). Importa, porventura, acrescentar o óbvio: que, neste retrato, a desmesura grotesca da metamorfose combinada com o hibridismo sexual resultam num tratamento manifestamente derisório da figura do homossexual efeminado, contraponto do inconformismo rebelde e da insurgência viril do narrador. A este propósito, refira-se a estimulante interpretação que Luís Madureira apresenta de *Os Cus de Judas*, demonstrando, a partir do topónimo auto-referencial do título e da profusão das imagens de emasculação, castração e impotência, como nele se verifica a «inversão (e subversão) do mito luso-tropicalista da “missão colonizadora” portuguesa, cujo tema principal era precisamente a “feminização” dum espaço colonial onde se desenrolava hipoteticamente uma aventura colonial fundamentalmente masculina e “viril”» (Madureira, 1995: 17). A substituição de uma imagem do colonialismo como impregnação, acompanhada dos correlativos *topoi* uterinos, pela sua figuração como sodomia – leia-se penetração infecunda – prefigura a esterilidade da investida colonial portuguesa. Margarida Calafate Ribeiro salienta a relevância desta leitura para *Lugar de Massacre*, de José Martins Garcia, «em que a homossexualidade é um dos tópicos fundamentais da alegoria do tempo e dos espaço da guerra», mas ressalva, com pertinência, que, inversamente, nas obras de Álvaro Oliveira ou Domingos Lobo, «a homossexualidade não é encarada num sentido negativo de punição» (Ribeiro, 2004: 275, n.17). A diferença parece radicar, pois, no entendimento da homossexualidade como *figura*, implicando um procedimento hermenêutico da ordem do metafórico ou do alegórico, ou como *história*, em que o *récit de vie* (auto)biográfico se cruza com o modelo genológico do romance de formação.

juventude» (Teixeira, 1998: 137) e «um microcosmo da sociedade portuguesa» (ibid.: 139), onde nem sequer falta o «soldado maricas e fumador de suruma» (Ferraz, 1990: 311). Homossexual dilacerado em busca de expiação, Brandão oferece-se como voluntário para os comandos. Com um passado tumultuoso de delinquência juvenil que lhe franqueará as portas de uma prisão-escola em Coimbra, o Transmissões vem para África com um objectivo definido: «Fim da linha: estoírar! A guerra é uma merda, mas é porreira para um gajo rebentar» (ibid.: 307). A sua *estranheza*, pressagiada pelo gradual estiolamento físico e por uma palidez insalubre – no que parece constituir uma herança dos preconceitos fisiognómicos da estética naturalista de um Abel Botelho – não impedirá que aos seus préstimos sexuais recorram o cabo Cabral, homem casado e com filhos, e o furriel Passos, heterossexual convicto que, em acto de contrição pós-coital, desabafa:

«Ao que cheguei, à droga, à mariquice!»

Imaginava-se como o Brandão, mirrado, amarelo, a sorrir debochado, convidando outros homens.

«É o mais baixo a que um homem pode descer...» (ibid.: 273)

O desprendimento suicidário de Brandão leva-o, num acto que tem mais de sacrificial do que de intrépido, a insistir em estabelecer, sob uma chuva de granadas, comunicação com a artilharia, assim evitando o previsível massacre da companhia. Os camaradas comentam, nos seguintes termos, a desconcertante imolação do Transmissões:

– Se não fosse o Brandão...

– Ainda dizem que o gajo era maricas... – lembrou o Lopes, sempre calmo.

– Q’al maricas, era um comando! – afiançou o Vergas.

– Ninguém me tira da cabeça que o gajo quis morrer assim!

A noite é sempre redentora e o Brandão redimira-se, bebera a vida até ao fim e ganhara, por acréscimo, o respeito daqueles homens, ninguém pode garantir que saber isso lhe tivesse dado grande prazer. (ibid.: 313)

O carácter imperativo desta redenção *in extremis* que, segundo os parâmetros do código de masculinidade castrense, permite a reposição da virilidade ferida por obra e graça da proeza heróica e a redignificação do Brandão aos olhos dos camaradas de companhia, constitui a pacificadora expiação do pecado de si mesmo. Intrinsecamente aberrante, o

homossexual só pode existir como servente sexual ou como mártir²². Não deixa de ser sintomático que, numa inesperada contravolta ideológica, o esvaziamento quase pícaro a que se sujeita, em grande parte da literatura da guerra colonial, a retórica pífia do heroísmo e da rendição incondicional a uma causa superior surja agora como antídoto salvífico para o vício nefando. Dessa redenção pelo sangue, recorde-se, estão providencialmente desobrigados os heterossexuais arrependidos (e, portanto, livres de mácula) que a ele se entregaram.

3.1. UMA «PALHAÇADA CIRCENSE»

A singularidade de *Lugar de Massacre*, de José Martins Garcia²³, reside, desde logo, na clara preterição de uma estilística da verosimilhança e da ancoragem referencial que definem a pragmática ficcional do romance-reportagem, modalidade de comparência regular no catálogo de formas ficcionais integráveis na literatura da guerra colonial. A implausibilidade surrealizante e demencial da fábula, a exploração de processos de simbolização (v.g. os nomes das personagens ou a designação dos serviços da kafkiana burocracia militar:

²² Repare-se como este pressuposto – ou, mais rigorosamente, preconceito – inquina a leitura que Rui de Azevedo Teixeira propõe do resgate epilodal da personagem: «O heroísmo coroado pela morte – ilustração de “saiba morrer quem viver não soube” (Bocage) que leva os camaradas a celebrá-lo como herói, depois de o terem desprezado – era a única salvação para quem estava *perdido* pela homossexualidade, pela anormalidade sexual» (Teixeira, 1998: 284).

²³ José Martins Garcia, natural da Ilha do Pico, integra, a par de Álamo Oliveira, João de Melo ou Cristóvão de Aguiar a geração de escritores açorianos que participou nos conflitos coloniais e cuja experiência foi transposta ficcionalmente. Em termos proporcionais, os Açores facultaram, aliás, o maior contingente de tropas portuguesas para combater nas três frentes de guerra. Rui de Azevedo Teixeira acentua «a força de um bairrismo ou patriotismo local» inscrita nas obras dos diferentes autores que, em termos geográfico-afectivos, integram a geração da guerra colonial (o «grupo ribatejano», o «açoriano» e o «micro-grupo de Coimbra constituído por Fernando Assis Pacheco e Manuel Alegre») (Teixeira, 1998: 108). João Medina, justificando a participação assídua de autores açorianos nesta linhagem literária, sublinha a mais radical desterritorialização que a jornada africana significava para as tropas oriundas do arquipélago: «I believe that this is not the result of geographical accident. Rather it derives, I think, from a natural inclination of those from the islands to find the strangeness and otherness in the traumatic experience of a war waged in an environment totally foreign to the rocky Atlantic coastline they left behind them. Thus the experience of war for them, waged as it was within the density of a tropical forest, was experienced as doubly outside their own world, thus making them feel the loneliness, the absurdity of war, and the inability to adjust to the environment of a land so radically different, hostile, and inaccessible as much in terms of soil and vegetation as in terms of living and toiling within it. Thus, the experience of Africa was in every way incomprehensible to the sons of the far-off and misty islands of the Azores» (Medina, 1999: 156).

Serviços de Conjugação, Secção do Zelo), a violência objurgatória e disfémica do discurso do narrador e a escalpelização demolidora desta *drôle de guerre* não deixam dúvidas de que o romance pretende ser lido como distopia satírica ou, nas justas palavras de Jorge Listopad, como um desses «caleidoscópios barulhentos de anti-saga» (Listopad, 1976: 89). A estrutura romanesca em díptico agrega duas macro-sequências onde predominam, sem deixarem de reciprocamente se interpenetrar, os registos do excesso grotesco e do *pathos* trágico. Na primeira secção, o aristocratizante conde d’Avince, monárquico, católico fervoroso, indefectível apologista da raça loura «fora da qual só existe plebe, indignidade, imundície e traição» (Garcia, 1996: 21) e efebo dilecto, mas não exclusivo, do comandante Oliveira, *a Porca*, guia-nos pelos meandros dos bastidores de alcatifa e ar condicionado de uns orwellianos Serviços de Conjugação, onde se recreia uma degenerada camarilha pederasta. No depravado comércio sexual entre o Conde, diligente anfitrião de «bacanais panascas», e o Comandante, «rechonchudo e meigo, arcanjo e hermafrodita (...) [que] tanto mirava cu como braguilha» (ibid.: 65) encontra-se plasmada a corrupta hierarquia militar e a degenerada devassidão das suas chefias, entretidas em guerras intestinas de poder e obcecadas pela delirante paranóia imperial. Por isso, *a Porca* deleitava-se na contemplação lúbrica do «sublime Laito das panasquices cantantes da Emissora Nacional», de gatas, incumbido de «mudar quotidianamente as bandeirinhas multicolores e heróicas que, sobre o mapa do passado, assinalavam um esforço incomensurável da defesa integérrima» (ibid.: 65). «Achas que, de gatas, vamos ganhar a guerra?», perguntará, sarcasticamente, o conde de Enxeque. A verrina impiedosa deste narrador em relação à tara heterofóbica, misógina e racista destes cripto-sodomitas de gabinete irrompe no relato da confissão burlesca do Comandante que, «entre lágrimas e arrotos, foi contando a origem da presente dor»:

Era uma vítima das circunstâncias. Mas conseguiu vencer os preconceitos. Internado em escolas de muita disciplina, desde tenra idade, cedo se apaixonara pelo uniforme dum vago parente, esbelto e poderoso em seu peito repleto de medalhas. Tal inclinação desvendara-lhe a excelência do homem e a estupidez da mulher. Aí começara a praticar as excelentes virtudes que a segregação sexual encorajava, sendo montado pelos seres que admirava, como ordena um mínimo de coerência. Julgara-se apaixonado para a vida e para a morte. Mal sabia que, para as bandas da Indonésia, as relações humanas eram mais autênticas e o amor mais profundo.

Havia, para o interior da ilha, chefes tribais peritos em hospitalidade, artistas do receber, capazes de meterem num chinelo as aristocracias do Ocidente. Gente de túnica branca, preparando o amor com placidez e perfumes, perante a qual as descrições do *Kama Sutra* não passavam de infantilidades. Efebos de pele mate, anciãos sapientes e desenrugados. Mas o herói, o herói da *Porca*, fora,

nessas latitudes, um lutador tão duro na luta quanto ameno na sociabilidade. Possuía a maior pichota do orbe, uma coisa apta a rivalizar com a de um burro. Inesquecível.

Ficou o jovem conde comovido com dor tamanha, amplamente justificada pela ausência desse monumental falo, quiçá pai antiquíssimo de todas as gaitas, duras e moles, deste mundo decadente. E ali se reconciliaram, *Porca* e conde, num abraço de lágrimas regado. (ibid.: 76-77)

Não fosse a sua corrosão pela violência sardónica, esta demonstração de uma presumível mistofilia homoerótica revelar-se-ia verdadeiramente irregular no *corpus* de textos em análise. Contudo, ela surge aqui coligada com o estereótipo da hipersexualização do nativo, objectificado no seu gigantismo fálico, numa expressiva inversão do paradigma colonial como exercício de soberania viril do colonizador sobre o colonizado²⁴. À caprichosa vontade de uma Nação-Mãe castradora – essa «Pátria tão cantada que deu em puta» (Oliveira, 2003: 49) que devora a progénie que gerou, se ficará, em parte, a dever a emasculação dos seus filhos. Metáfora de uma economia sexual colonial medularmente perversa e, portanto, sintoma da ilegitimidade da mística imperial e da natureza falaz do pendão ideológico do respeito multicultural hasteado pelo discurso salazarista, o desvio homossexual, porque reduzido a pura mecânica genital, indefere, em *Lugar de Massacre*, qualquer projecto de comunhão afectiva entre homens. Significativamente, mesmo no contexto da homosociabilidade de caserna, os cerimoniais de *male bonding* são reproduzidos em clave caricatural:

Beberam, por entre música estridente. Havia um rapaz de pequena estatura que se exprimia por contorções sofisticadas e alguns ais e uis, sempre que lhe enchiam o copo. Havia um longilíneo que se empenhava em poses lânguidas. O qual, aos primeiros vapores, logo resolveu contar uma dolorosa história de amor, na qual fábula o irmão mais novo o desgraçara, por ter ilegitimamente copulado com a mulher dos sonhos dele, narrador. Logo o conde d'Avince se comoveu até às lágrimas, declarando que, embora não tivesse irmãos, também um infecto parente desonrara Mafalda, a mulher dos sonhos dele, conde d'Avince. Choraram e apalparam-se com muita amargura, concluindo pela prevalência de uma sólida amizade masculina. (ibid.: 85)

²⁴ Como reconhece Robert Aldrich, «These relationships, from one perspective, seem emblematic of colonial domination, and many no doubt were based on crass exchange of money for sex, Europeans taking the advantages to which they claimed entitlement by race, wealth, political power and, sometimes, violence» (Aldrich, 2003: 407).

Da maquiavélica conjura do Conde e da *Porca* irá resultar a mobilização de Pierre Avince que, assim, se verá forçado a iniciar um tortuoso périplo pelos quartéis do mato e a participar do absurdo apocalipse da guerra real. Esta jornada ocupará, num efeito de quiasmo narrativo, a segunda secção do romance. Removida qualquer conjectura de cumplicidade gemelar entre ambas as personagens, a parcial coincidência onomástica entre o Conde e Pierre só como antífrase irónica poderá ser entendida. Pierre, para quem «Toda a História, a provável como a lendária, lhe surgia como um encadeado abominável de sacanices» (ibid.: 137), é uma espécie de *enfant terrible* iconoclasta, um desses «produtos da Universidade» (ibid.: 46) que abandonara, na sua existência civil, uma auspiciosa carreira universitária e se convertera, em contrafeita reencarnação militar, num discípulo da decadência. Insensibilizado pela «fornicação e alcoolismo» (ibid.: 44), única forma de conviver com o inominável horror da guerra quotidiana, Pierre rende-se a uma sexualidade incontente que, bem vistas as coisas, constitui o contrapólo viril, mas similarmente amoral, da impune *paneiragem* do Conde e seus comparsas. Muito dificilmente esta «masculinidade exuberante» e arracional e o egoísmo misógino a ela associado que, como refere Rui de Azevedo Teixeira, «o leva a desejar não uma mulher, mas muitas mulheres, as quais utiliza rapidamente para a satisfação dos seus apetites de macho» (Teixeira, 1998: 249), podem representar uma alternativa viável à decadente devassidão que ocupa a primeira parte. Terá, pois, que entender-se esta voracidade amoral como uma violenta profanação do ideal do corpo assexuado, libertadora porque alienante, articulando uma fantasia de lubricidade disruptiva. Nas palavras do próprio autor,

(...) satirizar a loucura que se pretende lúcida, rir do poder e das suas vaidades... Eu creio que esta última atitude é que representa a verdadeira solidariedade para com todos os que sofreram os pontapés dos tiranos, dos ditadores. Não é cantarolando amor que, efectivamente, se ama. Ama-se melhor quando se resiste e muito melhor quando se resiste desmistificando o opressor. (apud Bettencourt, 2004: 62)

Em *Lugar de Massacre*, esta desmistificação do opressor não escamoteia a acrimoniosa denúncia do logro colonialista que ele insidiosamente propaga. Assim, o regime estilístico da alegoria, que retonaliza a diatribe anticolonialista, implica ponderar o real alcance da manifesta «obsessão vocabular homofóbica» (Teixeira, 1998: 205) que atravessa o romance. Parece-me ilegítimo lê-la como pretensa enunciação da axiologia do narrador e, por maioria de razão, do autor. A pandemia homossexual que infecta a instituição militar, representação miniaturizada da pequena casa lusitana, parece-me antes constituir o correlativo

objectivo da enfermidade congénita de uma nação que, impotente, assiste à derrocada do «colonialismo apodrecido de poder» (Oliveira, 1997: 14) – e, nesse sentido, não é casual que o conde d’Avince reencarne, numa impecável lógica hereditária, a especial predilecção paterna por «alentados marujos» (Martins, 1996: 10) –, espécie de metáfora organicista do corpo putrefacto do império, «esse fetiche desmantelado», como, com crua lucidez, o descreverá o protagonista do romance de Álamo Oliveira.

3.2. «LUMES A CRESCEREM POR DENTRO DAS MURALHAS»: HOMOEROTISMO E *BILDUNG*

A metáfora do caderno e da escrita *in fieri* nele transposta – com os seus embaraços e supressões, a sua desordem dispersiva e fragmentária – permite dar conta do trabalho de revelação introversiva, embora sempre atento ao mundo e ao outro, levado a cabo em *Até Hoje (Memórias de cão)*, de Álamo Oliveira, e *Os navios negreiros não sobem o Cuando*, de Domingos Lobo. No «livro-anátoma-panfleto-parábola» (apud Brunetti, 1998: 437) de Álamo Oliveira, a transcrição de passos do diário que João mantém, desde que é arrancado «a ferros do útero da ilha» (Oliveira, 2003: 25) e no decurso da sua comissão da Guiné, essa «terra de menopausa permanente» (ibid.: 95), assinala, pela encenação de uma voz confitente, a dialéctica de ocultação e/ou desvelamento de uma intimidade que serve de ponto de fuga ao teatro da sociabilidade pública²⁵. Deste modo, a ancoragem do relato na voz deste contador *doublé* em diarista permitirá tirar partido de uma sintaxe intermitente, em que a ilusão de simultaneidade narrativa dissimula o tempo ulterior da narração, numa representação alternada de reminiscência infantil no espaço insular e descida aos infernos da guerra, sismografando os abalos ontológicos sensíveis na maturação do protagonista.

No romance de Domingos Lobo, a *dispositio* encontra-se fundada na agregação de capítulos com título distinto e relativa autonomia sintagmática, alguns deles antecidos de peças líricas com evidente valor de prefiguração semântica. Na primeira delas, intitulada «Sinais para navegar», recuperando um *locus* corrente na retórica do testemunho, irmanam-se as instâncias do *soldado* e do *escriba* e diluem-se as fronteiras entre memória e ficção. Originalmente publicados na imprensa periódica²⁶, os diferentes capítulos do

²⁵ Carmen Villar considera que a notação diarística emoldurada ficcionalmente funciona como uma pseudo-autobiografia, em que a escrita cumpre funções terapêuticas (Villar, 2004: 160).

²⁶ Segundo informação facultada pelo autor, no tecido conjuntivo do romance confluem vários fragmentos: uma narrativa intitulada «Nas Terras-do-Fim-do-Mundo», publicada no jornal *A Palavra*, de Luanda, bem como

romance – que revelam indesmentíveis afinidades com o microconto – articulam-se, em parataxe cumulativa, em torno da subintriga de temática homoerótica, protagonizada por Santos e Belezas, utilizando-a como eficaz nó coesivo.

Em ambos os casos, o argumento homoerótico é indissociável da *Bildung* dos protagonistas. Múltiplas convenções do romance de formação surgem, assim, transplantadas para o peculiar contexto de aprendizagem e emolduradas tanto pela circunstância bélica como pela declinação erótica em versão homossexual²⁷. A *Bildungsreise*, a bordo do Uije ou do navio negreiro Vera Cruz, põe em marcha um insustível processo de maturação, cujo remate pedagógico, muitas vezes equívoco, pode consistir na capitulação niilista ou no cepticismo acomodatório.

Para João, açoriano procedente da «África branca» (Oliveira, 2003: 159), essa travessia iniciática rumo ao Ultramar impõe uma dupla desterritorialização. No protagonista de Álamo Oliveira, «possuidor de sensibilidades estranhas» (ibid.: 15), a descrença deceptiva na farsa colonialista e no engodo imperial²⁸ apregoado por um «falso profeta» (ibid.: 86), essa vontade de «esmagar o ovo que a pátria chocara» (ibid.: 58), desenvolvem-se paralelamente ao seu heterodoxo tirocínio erótico. Esses soldados que «o toiro da nação

diversos contos dados à estampa no jornal *ABC-Diário de Angola*, no qual Domingos Lobo exerceu as funções de redactor principal. O recurso ao «par amoroso» funciona, pois, como processo conjuntivo as diversas micronarrativas diegeticamente autónomas.

²⁷ Para Isabel Moutinho, por exemplo, «*Até Hoje* is a *Bildungsroman* from memory», ou seja, «a *Bildungsroman* with a difference: here memory is the main instrument of an apprenticeship, an indispensable tool for the recreation of the island environment that allows João to embark upon the spiritual journey of his maturing» (Moutinho, 2008: 37-38).

²⁸ Cf. «Ali estavam os resultados visíveis, inegáveis, de cinco séculos de presença lusíada em terras de África – cinco séculos nefandos, nefastos. Nem mesmo se via o que fora feito dos inúmeros peditórios na sua ilha, com certeza nas outras ilhas e restante país, para os “pretinhos de África, coitadinhos”, a presença do missionário venerável, barbas grandes, cara de santo. E que era feito do estado uno, indivisível, igualitário, multirracial que os jornais da sua terra apregoavam existir? “Porra! Que grande gaita vai aqui! Cuidado, João. Estás com ideias retorcidas. Não és homem para políticas e as paredes têm ouvidos mesmo para pensamentos...” Afinal, tudo fora inútil, tão inútil como o esforço que fizera em criança para decorar colónias, seus rios e distritos, seus descobridores e colonizadores. “Pobre Vasco da Gama!” e tanto esforço para nada» (Oliveira, 2003: 54). Num estimulante ensaio, Tiago Matos Silva demonstra como os militares que intervieram nos conflitos coloniais raramente conceptualizavam «este Ultramar como solo pátrio, mas sim mais complexamente como solo que pertencia à “Nação”, sem no entanto se constituir como “Pátria” propriamente dita» (Silva, 2007: 35). Mais do que a infusão patriótica será, pois, a «lógica do espírito de sacrifício» e a lealdade para com os camaradas de armas, uma espécie de «instinto de família artificial» nascido da obliteração das diferenças em face do sofrimento partilhado, que permitirá «manter a máquina de guerra a funcionar».

ejaculava sem parar» (ibid.: 48) são cadáveres adiados e o sémen pátrio, na sua assassina infecundidade, virá a revelar-se letal. João testemunha a deflação de todas as mitologias de legitimação da pátria – a camoniana, a sebástica, a pessoana –, assim como a falência do inabalável catecismo salazarista, e esta orfandade ideológica parece anunciar o advento da sua refundação individual como sujeito²⁹.

É certo que, no seu caso, fora precoce a intuição do «segredo que não revelaria nunca» (ibid.: 15) e os fugazes episódios de deslumbramento erótico juvenil (a masturbação de Raul, o assédio de Manuel Francisco), no seu *voyeurismo* inconsequente, não deixam dúvidas sobre uma identidade sexual clarificada em fase anterior à experiência militar. A vaga lembrança de uma namorada deixada na ilha, transigência a um atavismo que não se discute, nunca turva essa consciência do que se é.

À versão oficial segundo a qual «a guerra é escola de homens, torna-os duros, machões, fanfarrões e bêbados» (ibid.: 61), João opõe a penosa antecipação de que, uma vez formatado pelo Leviatã militar, «Não o deixariam ser Homem. Não o deixariam ser João» (ibid.48). Por isso, numa etapa inicial, a sua insularidade conjuga-se com um obstinado insulamento, repudiando integrar-se numa lógica comunitária homosocial:

Fugia das zaragatas de caserna, dos jogos de azar, do bar. Num sono calmo e sereno, bebia a solidão que lhe minava o peito e que, em troca, lhe dava aquele vazio desimportado, guindando para longe as razões de soldado e de guerreiro. Não quis fazer amigos. (ibid.: 64)

Em Binta, na modorra incolor da unidade de quadrícula, os ecos remotos da guerra chegam distorcidos pela cadência da insuportável distensão de um tempo «alongado e monótono, suspenso das traves de qualquer relógio de ponteiros perros, de horas distantes» (ibid.: 137) e, talvez por isso, a opção diegética de *Até Hoje* seja a de centrar-se quase exclusivamente na esfera das relações entre os homens que, no aquartelamento, se entregam a um ócio intranquilo, a um «ranço lúdico» (ibid.: 90) instituindo um inédito paradigma de amizade viril assente numa intimidade cúmplice:

Seriam estes [camaradas] os que mais lidariam com João, companheiros, depois amigos, para a morte e para a vida, na alegria e na desgraça, na abundância e na pobreza, esponsais de guerra assinados a fogo e a sangue. (ibid.: 72)

²⁹ Como salienta Carmen Villar, «He [João] begins a process whereby the only things that are held as believable truths are those to do with his own personal origins and experience» (Villar, 2004: 158).

Não é, decerto, inocente a ressonância dos votos matrimoniais que se entreouve neste passo, revelando uma intenção expressa de encarecer a firmeza securizante destes liames homoafectivos. Aliás, com notável frequência, o romance de Álamo Oliveira naturaliza o deslocamento da afetividade masculina para o terreno homoerótico³⁰. Refere-se, por exemplo, que, na tentativa de ludibriar o «desgaste da inércia», bebia-se e «amava-se muito, sexo contra sexo, a alegria breve de consumir o tempo» (ibid.: 90) ou que os soldados «cumpriam o ritual de darem graças à vida da forma que melhor lhes sabia: punheteavam-se uns aos outros como em mandamento novo, enchendo o ar cansado de suspiros alegres. E adormeciam aliviados» (ibid.: 132). Na melhor tradição do *buddy love*, cada soldado procurava, portanto, o seu *mignon* entre os camaradas, com base nas suas afinidades electivas. Zé Domingos e Mastigas, sabemo-lo só depois da morte do primeiro e do suicídio desesperado do segundo – «uma espécie de Hiroxima individual e enorme», (ibid.: 183) –, amavam-se «discretamente» (ibid.: 124). Mas bem menos discreto quanto à sua versatilidade erótica é, por exemplo, o gárrulo Matias quando, na sequência de uma viagem a Bissau, descreve, com desbocada volúpia, os irresistíveis encantos do Laurindo, «cantante-mor das forças armadas»:

«Vocês haviam de ver o Laurindo, loiro pintado que nem puta. Estive quase a papá-lo. Mas o gajo só queria dar cinquenta escudos...» [...] «Que tusa! Andei sempre de pau feito...! Porra! O gajo não ia com a minha cara. Só cinquenta patacas ...»/ «E não foste?! O gajo tem um cu do caraças. Papava-o de borla!» opinou o Viana, o mais useiro em gabanços do género. (ibid.: 163)

Assediado, com persistente bonomia, por vários companheiros de armas, mas esquivando-se pudicamente, com o seu «comportamento de gazela assustada» (ibid.: 126), a todos os convites, João converte-se, aos olhos dos camaradas, no «“amante” de Fernando» (ibid.: 91):

³⁰ Como bem observa Isabel Moutinho, «There is no hint of moral condemnation of homosexuality in this environment, where it seems to be common practice» (Moutinho, 2008: 49). A propósito da «transgressão no *front*», amplamente abordada no romance de Álamo Oliveira, Eduardo Pitta lembra oportunamente que «a fase crítica da guerra colonial coincidiu no tempo com a eclosão do movimento gay internacional, fenómeno que passou despercebido em Portugal, mas ajudou a potenciar o espírito de libertinagem associado aos *sixties*, ao mesmo tempo que fazia da desobediência normativa um arma de arremesso ideológica. Sabendo-se que a guerra durou catorze anos, e chegou a mobilizar, nas três frentes, perto de 170 mil homens, é de admirar o descaso com que os nossos escritores têm tratado essa relação de causalidade» (Pitta, 2003: 24).

Mas não era. Por enquanto. Fernando levava-lhe pequeno almoço à cama, andavam sempre juntos, eram parceiros de sueca, sombra mútua, pecado e virtude. Mas não amantes. Uma timidez escudava-os e João não daria o primeiro passo. Era cómodo e útil amar Fernando pudicamente. (ibid.: 91)

Com efeito, desde que primeiro se tinham avistado, germinara entre ambos «uma estranha e perigosa amizade [que] resvalaria para uma ternura feita de silêncios insuportáveis» (ibid.:70). Reactivando a memória tópica da *militia amoris*, os dois defrontam-se numa «guerra da ternura» (ibid.: 100), feita de retracções furtivas da parte de João e de investidas expectantes de Fernando, entretanto abandonado pela mulher que entregara a filha de ambos ao cuidado dos pais. Irredutível na sua «opção de celibatário para ser fiel ao corpo intocável de João» (ibid.: 126), em vésperas de partirem para Bissau de regresso à metrópole, Fernando arrisca, numa corajosa manobra de desejo, a confissão impudica do que João, desde sempre, soubera:

«Sabes que..., desde o dia que te conheci quis ir contigo para a cama!?» E João «Sei!», nenhuma alteração na voz. Fernando sentiu-se cair num abismo de pasmo. «Sabias?», arquejou. «Sei! Sabia!», João silaba, repete as palavras, o mesmo tom, a mesma indiferença. «E... nunca quiseste! Não gostas de mim?/ «Não gosto, não! Amo-te»/ «Meu Deus!, o tempo que perdemos!», rezou Fernando, a certeza bruta de não poder voltar atrás. «O mal que fizemos à nossa vida! Tanta vez que precisei de ti como do pão para a boca!», gritou quase, as mãos nos colarinhos de João, a sacudi-lo com força, um novo desespero agora. «Todas as vezes que precisaste verdadeiramente de mim, estive ao teu lado». (ibid.: 181)

Nos antípodas da sexualidade predatória e da libido indiscriminada do homossexual esquematicamente esboçado em alguns textos, a firme reserva erótica de João não deixa de se revelar dissonante, tanto mais que é Fernando, o presumível heterossexual claudicante, que age como efectivo pólo dinamizador da aproximação erótica. João parece, por um lado, querer eximir-se ao banal comércio físico a que todos, jubilosa ou desesperadamente, se entregam, porventura pela consciência da diferença substantiva do sentimento que o une a Fernando e pelo temor antecipado da irrevogável separação que o regresso à metrópole impunha. Fernando terá que esperar até ao fim da comissão e ao regresso de ambos a Lisboa para, enfim, poder consumir um amor «sem sinais de proibição, códigos de viagem, espartilhos no coração» (ibid. 191). Será ainda ele quem, desafiando convenções e determinado a abdicar do passado, fantasia para este amor subterrâneo um futuro solar, arriscando a conjectura de um projecto de vida em comum. João recusa e, em cená-

rio simetricamente invertido, separam-se no cais que os vira já partir: «João cortara-o da sua vida como se fosse um pé doente» (ibid. 193), «calcara-o na vala dos comuns com a pá da saudade (...)» (ibid.: 197)³¹.

Não há amputações indolores. Será já depois do retorno à ilha natal que a leitura da vida em diferido, que João vertera no seu caderno-diário, iluminará a memória dilacerante do que não chegou a ser. Num auto-de-fé simbólico, João queima o caderno, sucumbindo a uma agrafia curativa e, portanto, induzindo-se uma forçada amnésia³². Neste gesto se dissipa a escrita e, com ela, a memória. A nova desterritorialização da personagem – a emigração a que, laconicamente, alude o *explicit* do romance – representa, pois, a súpula vital de um árduo itinerário de aprendizagem. Como, no termo da jornada, descobriu João, é preciso saber esquecer para poder continuar a viver³³:

³¹ Justamente em virtude desta inversão da situação canónica, em que Fernando preenche claramente as funções de destinador deste desejo interdito, bem como da circunstância de a consumação sexual ocorrer, não por acaso, em contexto civil – isto é, uma vez desaparecidas as condições homosociais da involuntária convivência militar –, tenho dificuldade em tornar extensiva a perspectiva de Carmen Villar, sobre as funções do tema homossexual no romance, à relação – a vários títulos excepcional – de João e Fernando ou, embora objecto de mais débil representação diegética, de Zé Domingos e Mastigas. Para a autora, «Their [dos soldados] homosexuality is a symbol of the conflict and the situation they find themselves in, where the lack of violence, their lack of willingness to fight, and their growing uncertainty as they question everything they believed in, are reflected in their behaviour. It is not that homosexuality is their true nature, as many of them have families back home, it is more an impulse that comes from within as the most immediate way to comfort and support each other through the trauma of a war that is never outwardly fought. (...) Further, the use of homosexuality as a theme in this novel could symbolize the idea that this is a relationship that will produce no outcome. (...) Their lack of moral prejudice in engaging in acts that would have been considered immoral in their normal surroundings forms a kind of collective revolt against their involvement in an undesired conflict. The non-reproductive end to their actions, together with their collective masturbation, symbolizes, on a wider scale, the image of an immobilized nation that, like them, is waiting for something to happen» (Villar, 2004: 164-165).

³² Com efeito, como nota Isabel Moutinho «even the diary perpetuates the vacillation between conflicting desires to forget and to remember the war» e, portanto, «In *Até Hoje*, the pendulum swing almost equally in both directions, at least ostensibly: the protagonist has meticulously recorded his experiences at war, as if intent upon not forgetting any of the details, but he declares himself eager to forget, so that he can re-establish some normality in his life» (Moutinho, 2008: 51, 147). Carmen Villar, por seu turno, sugere que «The diary and its ritual burning thus become a symbol of the traumatic taboo underlying the national psyche that cannot be allowed to surface» (Villar, 2004: 161).

³³ Como refere Júlio Conrado, «De regresso à terra natal, o soldado reconhece na imagem mítica daquela o analgésico que minorou as solidões africanas. Mas agora não passa do mundo fechado, pequeno – *insular* – que o aperta como um anel e de que urge fugir. A guerra tornara-se também crepuscular e exangue, com o seu sopro devastador, a visão do último canteiro do paraíso (Conrado, 1989: 123). Esta ultrapassagem do

«A tropa não é para meninas!», gritava o comandante. «Nem para anjos. Nem para homens. Os deuses e os diabos que a façam.» (ibid.: 204)

A sugestão escravocrata dos *navios negreiros*, presente no título da narrativa de Domingos Lobo, prenuncia o feroz refrão anticolonialista que nela insistentemente ressoa, numa contraglosa sarcástica da estafada arenga do *white man's burden*. Na desmitologização da amarga tragicomédia de «uma guerra que não dá para perceber», (Lobo, 2005: 14), em que se viram implicados estes «soldados de opereta em intervalo de ensaio» (ibid.: 16), parece, por vezes, adivinhar-se o desmantelamento iconoclasta do passado empreendido pelo Lobo Antunes de *As Naus*:

Herdeiros de um tempo de cardos morremos à míngua de um gesto redentor, apegados apenas a remorsos etéreos fazedores de pesadelos macabros, fados vindouros e nevoeiros de onde surgirá um D. Sebastião de plástico para vender nas feiras. Somos hoje, aqui, Maria, um povo encurralado. (ibid.: 90)

Previsivelmente, os episódios incrustados no tecido romanesco de *Os Navios Negreiros* encarregar-se-ão de corroer, pela ironia antifrástica que separa palavras e actos, a «paissana convicção», legada pelo tio António ao sobrinho mobilizado para Angola como precioso depoimento geracional:

(...) a tropa, meu filho, já lá dizia o Verne ou o Emílio Salgari ou a Odette de Saint-Maurice, não me recordo, é que faz um homem macho, transforma um ser individual em colectivo, esboroa-o da ganga presunçosa e egoísta e entrega-o generoso aos grandes devires pátrios. (ibid.: 35)

Não é certamente isso que indicia a obcecação auto-erótica da «masturbação solitária» ou a «raiva a crescer nos lençóis», instigados pela reclusão alienante do quartel. Ou o *drag*, que, ao baralhar a performatividade hipercodificada de géneros, constitui um acto de sublevação criativa através do *gender bending*, esconjurando³⁴ um temor real de emas-

confinamento insular metaforiza, segundo Carmen Villar, a assunção, por parte de João, de uma identidade sexual suprimida pelos estorvos sociais: «The war, thus, began a process which led to his finally being able to express his own sexual identity and where such behaviour was not considered deviant. The period spent being confronted by the 'other' had shown him what his own identity was, and had given him the courage to indulge in his desires. The war freed him from the constraints of heterosexual 'insularity'» (Villar, 2004: 167).

³⁴ Embora com uma função dissemelhante, congruente com a especificidade co-textual das obras em que surgem interpolados, refira-se que episódios de travestismo ocorrem também em *Lugar de Massacre*, em *Um Jeep em*

culação. Para o narrador, a adoção generalizada deste *camp* paramilitar constitui, mais simplesmente, um sintoma de paroxística insanidade:

Por essa altura o pessoal começou mesmo a variar da cornadura: oxigenavam-se, ficavam lindos e loiros meninos nórdicos; travestiam-se. Aquilo era mesmo cómico: travestiam-se com os trapos super *kitsch* (tipo puta velha de *saloon*, das que aparecem nas fitas do Reagan), que os USA enviavam às toneladas para serem distribuídos pelas pretas que eles imaginavam em tanga ou com as partes ao léu e precisadas daquele folclore trapeiro, por certo destinado a reviver em África os tempos áureos da conquista do Oeste. (ibid.: 46-47)

Segunda Mão e no conto «Pesadelo», nas fotos incriminatórias mostradas a Afonso Sacadura, uma das quais «mostrava um glamoroso travesti, um tenente *doublé* de Claudia Cardinale a dançar com um marinheiro fardado» (Pitta, 2007: 69). Em *Nó Cego*, o *gender bending* torna-se inteligível na leitura deleitada a que as tropas se entregavam das fotonovelas fornecidas pelo Movimento Nacional Feminino: «Muito se espantaria quem visse aqueles ferozes guerreiros de camuflado e barba crescida, que atravessavam a floresta e assaltavam bases de guerrilheiros, a ler embevecidos as aventuras cor-de-rosa dos novos príncipes encantados e gatas borralheiras encarnados por engenheiros e filhos-família montados em despotáveis, apaixonados por costureirinhas e cabeleireiras honestas e trabalhadoras. Talvez não acreditassem» (Ferraz, 1990: 253). Justificando a funcionalidade psicoterapêutica do *drag* em contexto militar, especificamente no decurso da Primeira Guerra Mundial, David Boxwell nota que «[it] satisfies the psychic demands for a defense against war's potential unmaning of the male body. This potential unmaning fosters the kind of castration anxiety that makes men extraordinarily receptive to the ritual possibility of defending themselves against the loss of "manhood" through the fetishistic opportunities afforded by drag. The transvestite permits the spectator and the performer to "play" at giving up the phallus in order to recover (the illusion of having) the phallus. Thus there is always a simultaneous acknowledgement that what the man in drag has pretended to surrender is always really there». Por outro lado, faculta «a 'solution' to the crises inhering in ruptured homosocial continuum», permitindo «the expression, through drag, of a male homosocial community less marked by anxiety about the troubling intimacy of male-male desires and identifications» (apud Eberwein, 2007: 88). Robert Eberwein acrescenta que, em situação de guerra, o *drag* mascara, pela sua exibição ostensiva, a vulnerabilidade masculina, convertendo-a, ao abrigo do teatro, em «aberração temporária»: «one appeal of drag may come from the fact that it says, in effect, when men appear to be helpless like women, it is only a temporary aberration. Drag allows men to take on gender roles in which they momentarily literally behave like the gender to which, from their perspective, they have been reduced in battle when they are crying, screaming, helpless creatures on the battlefield, not the characteristically dominant males they know themselves to be. (...) Drag scenes permit the authorized looking by one male at another as spectacle, an action that simultaneously asserts and disavows the possibility of homosexual attraction. (...) Boxwell is surely right to point out the inherent contradictions of drag, which denies what it shows. As Judith Butler argues, the complex process actually involves three rather than two registers: "If the anatomy of the performer is already distinct from the gender of the performance, then the performance suggests a dissonance not only between sex and performance, but sex and gender, and gender and performance (...) In imitating gender, drag implicitly reveals the imitative structure of gender itself"» (ibid.: 88-89).

Em confronto com o quartel-cárcere, Luanda avulta como apetecível recreio sexual, disponibilizando um copioso cardápio de engates fáceis, que incluía as «putas do bairro Samba» (ibid.: 36), «as *bichas*» sabidas que sorriam por interesse, ou os «travestis, bojudas criaturas quarentonas, inefáveis em suas purpurinas, seus ademanes de Mae West de subúrbio» (ibid.: 40). E remata o narrador-escriva, em defesa da tese que aproxima *vício nefando* e vocação diaspórica da nação que deu novos mundos ao mundo, numa heterodoxa conjuração de espírito da grei e inclinação homossexual:

O que é, de facto, verdade mesmo, é que muito infante do luso exército se deixou seduzir pelos *gays* de Luanda, com eles aligeirou a solidão mais funda, os medos mais secretos em noites dionisíacas, nesses lupanares de virtudes domésticas, fúrias rarefeitas, tafetá e ganga, peito peludo contra peito peludo, mistura confusa de erecções, orgasmos, descida aos infernos dos apegos nunca antes pressentidos, fantasmas ressurectos de braguihas adolescentes, iniciações de infância: músculos, suor, entrega – muros a desabar. Por uns uísques, uma cama lavada, um sorriso que aconchega, a dar-lhes dimensão de gente, amável, uns dedos suaves passajando gaforina rebelde: por pouco se vende o tropa à descoberta – ou apenas para penetrar nessa fronteira indizível das transgressões profanas, abismos de sedução, levezas do ser. O lusíada a ir-se às malvas ou ao mais profundo encontro das sombras que habitamos e nos habitam, a outra metade do céu de que, também, somos feitos. Não se anda impunemente por oceanos salgados e desconhecidos uma catrefa de anos, a sofrer toda a sorte de maleitas e privações, assim, sem terra ou fêmea à vista, pasto de homens sozinhos na imensidão dos mares, sem se adquirirem hábitos, ou vícios (que sabe o escriva neste reduto dos impérios e seduções perdidas?), que códigos da *moral-a-servir-aos-dias*, não venham impor catre, castração ou, no mais benévolo dos casos, penitência e jejum. O artigo 16 é disso (ó santa inquisição das partes traseiras) paradigma a que ninguém ligava peva, na pressa que tinham de mandar mancebos, cada vez em magotes mais substanciais, combater os turras em 3 frentes 3. (ibid.: 40-41)

Em *Navios Negreiros*, não deixa de ser revelador que a fortuita relação de Santos e Belezas, um «cabucho electricista» (ibid.: 49), se inicie em «figurino civil» (ibid.: 36), durante a circunstancial alforria de umas férias conjuntas em Luanda, numa celebração hedonista dos sentidos que, naturalmente, não exclui o recurso a prostitutas³⁵. Mas é no acanhado

³⁵ Nada no romance parece apoiar a suposição de que os esporádicos relacionamentos heterossexuais espúrios de Santos e Belezas são sentidos como traição ou infidelidade, como pretende Rui de Azevedo Teixeira, que chega mesmo a afirmar que «a sua sexualidade dupla impede, por natureza, toda e qualquer (hetero e

quarto de pensão que partilham que se dá a descoberta dos «corpos que se encontram e se desencontram» (ibid.: 38):

E as nossas mãos agitavam-se no ar, febris, procuravam-se no escuro como quem não quer a coisa, tocavam-se como por um acaso dos pesadelos, uniam-se os dedos levemente, como as sombras, depois com força, com tanta que tremiam, as palavras morriam sufocadas de febre e desamparo e só o murmúrio dos corpos perturbava o silêncio, abria arestas de desejos na noite, desinquietando os pesadelos. (ibid.: 38)

Com o regresso à rotina da guerra, desfaz-se o «pacto de trevas» (ibid.: 42) firmado entre ambos: não há lugar, na normalidade da dourada mediania futura ideada pelo Belezas – «o casamento com a miúda que está quase na desova», «uma casa no Cacém», «dois ou três putos ranhosos» (ibid.: 43) – para o incatalogável afecto do Santos e, portanto, como garante um poema de Raul de Carvalho citado pelo narrador/Santos³⁶, «*Tudo volta a estar certo quando a certeza nos abandonou*» (ibid.: 43). A tendência de Santos para a relembração nostálgica fará ainda erguer-se, da terra gasta dos afectos, «a memória do primeiro beijo e o Belezas a recuar, a recuar e a parede a juntar os nossos corpos, essa febre de raiva que é o amor-dos-homens» (ibid.: 85), ou instá-lo-á a procurar, em vão, «por detrás desse gelo um vulcão que ainda ardesse» (ibid.: 86). Na viagem de regresso à metrópole, num rito de despojamento lustral do passado, esperando domar a irreprimível recordação do Santos, dissolvendo-a numa inócua camaradagem, o Belezas – que cresceu e se fez outro – revisita, na amurada do Vera Cruz, o «vinco deixado pela relação homossexual» (Teixeira, 1998: 363):

Pensa no Santos e é-lhe incómodo pensá-lo. Angustiante, diria, se soubesse o que isso é. Mas tem de ser: é necessário arrumar tudo, questionar-se, ficar limpo outra vez. Se o amou? Que sabe ele

homo) relação monogâmica, toda e qualquer lua-de-mel imaculada, todo e qualquer casamento digno desse nome» (Teixeira, 1998: 295). Também em *Até Hoje*, João e Fernando, logo que chegam a Macau, «fizeram amor com a mesma caboverdiana». As palavras que, posteriormente, trocam sobre a satisfação recíproca não deixam dúvidas sobre a função meramente instrumental do erotismo heterossexual que não ameaça, mas inversamente reforça, a aliança homoerótica: «“Que tal?», diz João. Fernando a abotoar a camisa, «Vazei os tomates...» Pausa. «Vamos embora!» (Oliveira, 2003: 186).

³⁶ Como já assinalou Rui de Azevedo Teixeira, «o narrador de *Negreiros*, ora surge como puro *actante da comunicação*, ora se corporiza em uma ou mais personagens, misturando assim o seu básico estatuto de actante de comunicação com o de actante da narração. Na sua forma híbrida, o narrador corporiza-se colectivamente em todos os soldados da companhia de Santos» (Teixeira, 1998: 292).

dessas coisas. Amor seria, ou atracção pelo corpo que se oferecia novo, nu, ali ao lado e disponível, a tremer de lascívia, solidão de homens lançando amarras de desejo para não se precipitarem no vazio, rasgos de ternura que a paisagem desnuda e transfigura, torna urgente.

Os lábios eram quentes, cheios, isso sabia, como sabia que recuava ao primeiro beijo, desajeitado, púbere, inquieto por dentro: uma teia a crescer, a percorrer-lhe o corpo, a inibição de continuar, o pavor de se transformar noutra, de ser diferente do comum dos homens, da mudança de destino, dos planos traçados para o futuro. A mãe à espera que ele não a desiludisse, pegas na loja assim que voltares da guerra e casares, as bodas já confirmadas com os padrinhos, tudo combinado com o padre, a jeito com os convidados e as testemunhas. Podia lá ser, mudar. Se o amava? Não, decerto que não amava. Tinha-lhe amizade, isso sim, uma amizade grande, camarada seu, do peito, para a vida toda – mas amor, não. Condoía-se apenas, e fundo, quando os olhos dele o olhavam fixamente, a trazerem-lhe à pele tempestades e febres e, depois, arrependidos, a fugirem, a viajarem nas bóias, nas roldanas, nos guinchos, a perderem-se, vencidos, no convés. Doía-lhe ainda esse convite débil, a conformar-se: um formigueiro em chamas a subir-lhe o corpo, uma jactância, o coração a bater em desmesura; recuava, dizia-lhe, tem juízo, acabou, somos amigos e pronto. O outro passava-lhe os braços em redor dos ombros, suave como uma suspensão de brisas, dizia-lhe amigos, pois, e ficavam-se ambos na amurada com o mar em baixo e os lumes todos a crescerem por dentro das muralhas. (ibid.: 106)

No conto «Pena Capital», incluído na recente colectânea *Território Inimigo*, de Domingos Lobo³⁷, o narrador homossexual, enquanto aguarda a confirmação de que é seropositivo, revisita nostalgicamente «os seus parceiros, os actos que consolidavam a entrega. Os excessos» (Lobo, 2009: 30). Um deles, Vítor, com quem manteve, nos longínquos matos angolanos, um caso furtivo, poderia bem considerar-se uma duplicação ficcional de Belezas, também ele minado pelo remorso e consumido por «insuportáveis pesadelos [que] destruíam o fugaz prazer daqueles minutos supremos, clandestinos encontros na guarita, na secretaria, nos sanitários, nas sombras adormecidas da caserna» (ibid.: 34). Na realidade, o conto, numa espécie de sequela diegética do episódio do regresso e despedida das personagens de *Navios Negreiros*, confirma ficcionalmente aquilo que o romance somente insinuara:

³⁷ O conto, vindo inicialmente a lume em *As Lágrimas dos Vivos*, aparece integrado, em versão revista, na presente colectânea.

O Vera Cruz transportou para Lisboa duas feridas sangrando, dois destroços zangados com a vida, incomunicáveis, perdidos nos labirintos confusos das margens do desejo. Hoje, encontram-se por aí, nos jantares anuais de elegia aos medos colectivos. Ignoram-se civilizadamente ou falam de trivialidades como dois desconhecidos. O Vítor casou, cresceu-lhe a barriga em desmesura esférica, os cabelos que lhe restam morrem grisalhos nas têmeoras e na nuca, os olhos apodrecem num fundo gelatinoso de pálpebras lassas. Uma lástima que a memória se sente impotente em visualizar num outro espaço, no estertor dos farrapos do tempo. (ibid.: 34)

Nas narrativas de Álamo Oliveira e Domingos Lobo, ao homossexual só parece ser permitido existir como trânsfuga, aceitando a ingénita precariedade dos seus afectos, condenados a evaporar-se no «estertor dos farrapos do tempo». E, por isso, elas poderão ser lidas como variações em torno do doloroso ofício de extinguir esses «lumes a crescerem por dentro das muralhas» e aprender a sobreviver com as cinzas – ou, quando muito, com as pequenas brasas – da memória. Aprender, em suma, a viver com um «coração sem imagens», o título de um belo poema de Raul de Carvalho que o Santos poderia, perfeitamente, ter citado:

Posso passar sem as imagens
assim como posso
passar sem ti.

E hei-de ser feliz ainda que
isso não seja ser feliz.

3.3. E DEPOIS DO ADEUS: PÓS-MEMÓRIAS

Muito justamente, Margarida Calafate Ribeiro chamou já a atenção para o expressivo predomínio, no *corpus* da literatura da guerra colonial, do que designou como «narrativas de regresso» a um «país imaginado» (Ribeiro, 1998: 132). Com efeito, alguns textos, tanto os que se situam na fase crepuscular do império, como os que procedem já à inscrição ficcional das metamorfoses pós-revolucionárias, abordam precisamente o que acontece depois do adeus. Interessa-me, em particular, o modo como o crivo da memória reordena, à distância, a experiência homoerótica protagonizada em contexto de guerra, exonerando-a pela invisibilidade da deslembração ou, pelo contrário, reconvertendo-a em marcante cenário de aprendizagem.

A novela curta intitulada «Pesadelo», integrada na trilogia *Persona*, de Eduardo Pitta – *short story cycle* triádico onde o protagonista, numa verdadeira «educação sentimental» que decorre em diferentes estádios da sua biografia, «se confronta com conflitos de autoridade» (Coutinho, 2007: 7) – reconstitui, em registo de autoficção ou *coming out story* (Mendes, 2006: 117), o «processo dos panascas» (Pitta, 2007: 40) através do caso de Afonso Sacadura que nele se vê directamente implicado³⁸. Como observou Fernando Matos Oliveira, «o pesadelo do conto, propriamente dito, é duplo. Por um lado, do braço moçambicano da nação valorosa que agonizava; por outro, do indivíduo homossexual apanhado nas redes da lei militar» (Oliveira, 2002: 456). Com efeito, a narrativa combina o relato do absurdo inquisitorial da perseguição, movida em nome da ameaça à «vulnerabilidade e a segurança do Estado» (Pitta, 2007: 45)³⁹, com eloquentes ilustrações da debochada filosofia de alcova professada pelos guerreiros que assistiam aos últimos estertores do império:

Havia para todos os gostos. Papás influentes voando de Cascais para o planalto maconde, advogado a tiracolo. Aquele furriel a dias de passar à disponibilidade, farda irrepreensível, cruz de guerra ao peito:

– *Levo no cu, e daí? O Lawrence d'Árália também levava.*

Voltou para o mato e teve de aguentar mais dois anos.

³⁸ «No início dos anos 1970, um processo colectivo de contornos obscuros – desencadeado em simultâneo nas três frentes da guerra colonial e nos três ramos das forças armadas, com base em devassa de correspondência – arguiu para cima de uma centena de militares de todas as patentes, indiciados de crime *nefando*» (Pitta, 2003: 30). Refira-se que, em *Lugar de Massacre*, o Chefe da Justiça alude também aos escândalos ocorridos entre militares homossexuais em Bissau, em 1966 e 1967, com a consequente transferência dos implicados para outras unidades militares: «Meses atrás, o comando daquele território fora alertado por uma onda de boatos, segundo os quais a homossexualidade assumira inéditas proporções entre as forças estacionadas em Bissau. Rumores e mais rumores, intrigas e mais intrigas. À noite, num café muito frequentado, passavam-se cenas de conquista, absolutamente atentatórias do brio, do aprumo e da moral. Numa espécie de *snack*, recentemente aberto, os mais famosos maricas da Rádio, integrados na tropa, conviviam e lançavam suas redes. Em certos serviços burocratizados, a infiltração dos panascas era tanta que alguns desses elementos já não escondiam as suas preferências. Perante essa situação alarmante, o comando resolvera inquirir quais os elementos escandalosos, em ordem a uma dispersão. E, assim, muita gente, confidencialmente indicada, fora colocada nas unidades mais distantes, trocando Bissau pelas zonas de porrada» (Garcia, 1996: 164).

³⁹ Um absurdo que, aliás, a mãe de Afonso não deixa de denunciar: «Laura achava tudo muito bizarro. Uma investigação dirigida a militares homossexuais suspeitos de pouca simpatia pelo regime? E porquê só homossexuais? Os hetero eram irrelevantes?» (Pitta, 2007: 73).

O soldado de origem indiana que dormia de *baby-doll* de renda preta com o capelão da companhia. Os alferes de boas famílias que, no bar do Clube de Oficiais, imediatamente antes do jantar, meteu a pistola na boca e disparou. Estava de oficial de dia, tinha sido notificado na véspera, ia ser ouvido no dia seguinte. Não esteve para isso. Os dois pára-quadistas que tinham um caso tórrido e não vacilaram:

– *Gramo o Murinelo.*

– *Gramo o Ventura.*

E por isso foram constituídos arguidos e apontados a dedo antes que um deles fosse transferido para a Guiné.

O estovado rapaz que fez 500 quilómetros para vir dizer ao QG:

– *Lá na companhia somos todas bichas!*

Uma patética sucessão de episódios premonitórios. (ibid.: 48-49)

A premonição é, como o desenrolar do relato se encarregar de esclarecer, a do «longo fim de festa» (Oliveira, 2002: 456) que se avizinha, presentido por Afonso com o distanciamento *nonchalant* e os ademanos classistas da alta burguesia colonial, entrincheirada nas suas regalias de casta. Se, para Afonso, se tornava iniludível que o «mundo começava a ruir», é um ominoso delito de lesa-linhagem – o de acompanhar espadarte de Sauternes, vinho taxativamente proscrito pelo avô Gama, para quem «um homem não bebe Sauternes» (ibid.: 66) – que se elege para metaforizar as irreparáveis fissuras abertas no edifício colonial e agora deixadas a descoberto. Profetizando, à escala microcós mica, a imobilização da História, «Pesadelo» é um texto verdadeiramente liminar, não apenas porque «associa ironicamente a homossexualidade à putativa decadência do Império Colonial Português» (Mendes, 2006: 13), mas sobretudo na medida em que, no exacto momento da dissolução iminente do presente imperial, se assiste já à sua fossilização como memória.

Parábola trágica sobre a penosa cicatrização da ferida aberta colonial, o texto dramático *Um Jeep em Segunda Mão*, de Fernando Dacosta⁴⁰, encena o patológico refluxo da memória

⁴⁰ Não é de estranhar a censura de que a peça de Fernando Dacosta parece ter sido objecto, nomeadamente por pressão das instâncias militares, dando crédito às palavras do autor: «Curiosamente é no teatro onde primeiro se aborda o problema da Guerra Colonial. Eu posso ser suspeito porque fui o primeiro a assumi-lo com a peça *Um Jeep em Segunda Mão*, objecto de uma das censuras mais hipócritas verificadas depois do 25 de Abril. Esteve dez anos fechada numa gaveta por pressão dos militares, por cobardia dos políticos, por subserviência dos directores da comunicação social, nomeadamente da RTP, por falta de ousadia dos directores dos teatros subsidiados, etc.» (Dacosta, 2001: 471).

traumática através de um grupo de quatro ex-combatentes sem nome – cujas personalidades permutáveis são convencionalmente designadas por números – para quem «a guerra foi a coisa mais importante da [sua] vida» (Dacosta, 1982: 27). A oratória militarista, que vê a proeza bélica como rito de passagem varonil, é ironicamente desqualificada, associando-se-lhe, inversamente, a perda de inocência e o triunfo de uma contra-ética da barbárie:

NÚMERO DOIS – Sim, mas a experiência da guerra mecanizou-nos, a lavagem ao cérebro que nos impuseram deu resultado... fez-nos homens (*sarcástico*), virilizou-nos. A ingenuidade, os escrúpulos ficaram lá.

NÚMERO TRÊS – Uma pessoa que um dia tem o poder nas mãos, o poder de manipular os outros, e o exerce, nunca mais reencontra a pureza. Isso torna-se uma obsessão. (ibid.: 37)

À presentificação saudosa da intimidade homosocial, partilhada em contexto militar, alia-se, agora, a convocação das sequelas que emergem num tempo de ressaca pós-colonial (v.g. a desagregação da família, o esboroamento das relações conjugais), numa clara indicação da impossibilidade de pacífica acomodação às hostilidades abertas de um quotidiano pressentido apenas como «outra forma de fazer a guerra» (ibid.: 38):

NÚMERO QUATRO – Pois tinha saudades de uma coisa destas, saudades vossas. Sinto-me melhor ao vosso lado do que ao lado da minha mulher. Era bom que pudéssemos viver os quatro!

NÚMERO TRÊS – Já repararam que o mais importante da tropa foi o termo-nos conhecido?

NÚMERO DOIS – As circunstâncias é que tornaram a nossa convivência importante. Passámos muitas coisas terríveis juntos... medo, desespero, mortes... Isso, como contraponto, fez com que os momentos bons que tivemos, e que também foram muitos, se tornassem excepcionais, quase mágicos.

NÚMERO DOIS – Sim, eram como que milagres... os copos que bebíamos, as cartas que recebíamos e que líamos uns aos outros, as brincadeiras, os passeios que dávamos, os banhos que tomávamos, nus, felizes, pelas noites dentro... as pescarias, os projectos, as promessas... tudo nos era permitido! (ibid.: 25)

A narrativa pessoal do combatente Número Dois, homossexual confesso, faculta um curioso testemunho sobre o lugar da dissensão erótica no nascente país democrático do pós-25 de Abril. Após uma traumática passagem pelo seminário e de uma abortada tentativa de deserção, a incorporação compulsória e a escola de resiliência que constituiu a experiência-limite da guerra acabam por, no seu caso, precipitar a emancipação sexual e a vitória sobre os opressores:

NÚMERO DOIS – (...) Apesar disso, resisti. Resisti no seminário, no quartel, na guerra, cá fora ... não consenti que me matassem a alegria e a capacidade de amar. Eles é que ficaram vencidos. Hoje, faço o que quero, assumo-me, sou mais forte do que eles, subverti as cangas com que quiseram manietar-me. (ibid.: 42)

Acumulando as funções de respeitável professor e de travesti, o Número Dois parece ter, ao contrário dos camaradas de companhia, encontrado, numa nação que deixara de lhes pertencer, um lugar que seja seu. Na androginia ambivalente do *drag*, que em África seduzia «batalhões inteiros», parece prolongar-se, em versão civil, um mesmo esteio de resistência à violência normativa, ao estilhaçar, por via do excesso teatral, o redutor dimorfismo de géneros. Assim se dissipam dúvidas quanto à essência performativa de todas as identidades sexuais:

NÚMERO TRÊS – (...) Há dois meses vi-te (*Para Número Dois*) num bar, num espectáculo de “travesti”. Não te falei porque senti-me inibido, estava com gente de cerimónia, era-me complicado... tornou-se mais fácil ser cobarde.

NÚMERO DOIS – E gostaste?

NÚMERO TRÊS – Bastante. Sempre te disse, aliás, que tinhas talento. Não imaginas a emoção que senti... estavas muito bonito, muito jovem, tal como antigamente quando fazias para nós as tuas representações.

NÚMERO DOIS – Às terças, quintas e sábados actuo lá... está na moda, é divertido e ganha-se bastante bem. De dia, sou um respeitável professor de Português numa escola técnica, à noite canto e danço no bar.

Quando andava no seminário já representava papéis de virgens e de santas... a Santa Zita era a minha predilecta. Sabem quem é a Santa Zita? É a padroeira das criadas de servir, de maneira que comecei a especializar-me em “travesti” desde muito novo.

NÚMERO QUATRO – É, é... prà malta fazias porreiramente a Amália, a Simone... e a Sarita na “Violetera”! Este tipo punha a cabeça à roda a batalhões inteiros. A velhada dos oficiais andava com ele nas palminhas das mãos... até um general lhe chegou a mandar flores. C’um carago, como a gente se sabia divertir! (ibid.: 40)

Reunidos para um fim-de-semana numa casa de campo, rapidamente a romagem elegíaca pelo passado comum se volve em perigoso jogo de faz-de-conta onde ressurge a fantasmagoria reprimida dos traumas insepultos de guerra. Numa experiência alucinatória de retorno do recalcado, as emboscadas da história repetem-se, mesmo se, desta vez,

os chacinados são ciganos indefesos e não *turras*. Tinham sido premonitórias as palavras do Número Um: viver, dissera, «é como que avançar no mato entre minas e emboscadas» (ibid.: 38).

4. A expressiva presença do tropismo homoerótico no elenco textual seleccionado – acrescenta-se que sem quaisquer pretensões de exaustividade – não deve escamotear o que me parece incontestável: não se encontra, na ficção da guerra colonial, uma identidade homossexual, nem como autoconceito, nem como constructo social, nem como consciência grupal. É evidente que «um comportamento homossexual não gera automaticamente nem mesmo necessariamente uma identidade homossexual» (Barcellos, 2008: 39). O discurso homoerótico enreda-se, por vezes inextricavelmente, no emaranhado novelo de laços homosociais – a compassividade, a camaradagem, a homoafectividade –, tornando, no mínimo, duvidosas as práticas de reconhecimento. A despeito da natureza tendencialmente difusa da representação literária do amor entre homens, parece inegável que o «desejo sexual por mulheres de várias cores», (Castelo, 1998: 137) que constitui o epicentro da geografia sexual do império pressuposta pelo ideal lusotropicalista de mestiçagem, parece não ter conhecido contrapartida homoerótica. Com efeito, a teoria da miscibilidade do povo português propalada, a partir dos anos 50, pelo discurso oficial do salazarismo, e a desejável «dissolução amorosa» do colonizador nos povos colonizados, com vista à instituição de «civilizações integrativas e simbióticas» (apud ibid.: 63), não se traduz na visibilidade literária de relações homoeróticas inter-raciais. Esta ausência surpreende ainda mais quando se considera a progressiva *africanização* dos exércitos coloniais⁴¹ e, obviamente, a saturação do corpo negro pela mitologia «orientalista» de uma sexualidade infrene⁴². O tangenciamento dos conceitos de raça e género – que, numa espécie de desconcertante mistofobia, concede o monopólio ficcional às relações amorosas entre homens brancos⁴³ – parece, pois, comprovar, como aliás já sublinhou Boaventura de Sousa Santos (2002: 17), que o ideal de miscigenação difundido pelo pretenso ecumenismo étnico do luso-tropicalismo não implica

⁴¹ No conto «Pesadelo», de Eduardo Pitta, refere-se, por exemplo, que «A Força Aérea estava atolada de moçambicanos (...)» (Pitta, 2007: 57).

⁴² No estudo que desenvolvem sobre a 'ideologia racista' no Estado Novo, Rosa Cabecinhas e Luís Cunha acentuam que «a imagem do negro oscila entre a atracção do exótico (o batuque, as danças, os corpos sensuais) e a repulsa (agressivos, perigosos, feiticeiros, com uma sexualidade descontrolada)» (Cabecinhas, 2003: 180).

⁴³ O que, para o caso dos textos em apreço, torna inválida a hipótese de que «(...) promoters of imperialism seem more likely than critics of colonialism to focus emotional and erotic attentions on fellow Europeans» (Aldrich, 2003: 101-102).

ausência de racismo, mas antes um outro racismo, fundado na assimetria de gênero⁴⁴. Se a larga maioria destes homens não hesita em recorrer aos serviços sexuais de lavadeiras ou prostitutas, só excepcionalmente são mencionadas relações com um parceiro negro⁴⁵.

Embora se desenvolvam à sombra opressiva da instituição militar, ou talvez por isso mesmo, estes amores de caserna reproduzem uma inquestionável ordem hierárquica, envolvendo, quase sempre, militares de patente similar, com claro predomínio da *tropa fandanga*. Não implicando, como parece óbvio, uma especial imunidade das elites militares a qualquer predisposição sexual, estes textos contornam a questão melindrosa – mas que se reputaria central numa ficção estreitamente dependente do *habitus* castrense – da conexão entre relações de poder e sexualidade⁴⁶.

Mesmo quando declaradamente intentam desafiar a moral sexual inculcada pelo Estado Novo, postulando a hipótese de um erotismo divergente, estes textos encontram-

⁴⁴ Na mesma linha, Miguel Vale de Almeida salienta que «colonial sexual prohibitions were racially asymmetrical and gender specific» (Almeida, 2002: 185).

⁴⁵ Para além do exemplo colhido em Lobo Antunes citado anteriormente, detectam-se, nos textos analisados, esporádicas referências a relações homossexuais inter-rácicas no romance de Guilherme de Melo e na novela de Eduardo Pitta. Em *Tudo o que houver de morrer*, de Guilherme de Melo, o relato que Gabriel Monteiro apresenta do tumultoso período da descolonização não dispensa a evocação – de tonalidade nostálgica, mas amparada por uma evidente estereotipia racial – dos insuperáveis talentos sensuais do negro Gustavinho: «Que se podia esperar depois de tudo isto? Claro que os negros vieram por ali fora como um mar. Levaram tudo de roldão na sua frente. Pobre Gustavinho, se não fosse ele tinham-me limpado o sebo naquela madrugada... Sabes que tens um olhar que me faz lembrar o dele? Nunca mais hei-de voltar a ter uma cama como ele. Era um caniço do rio, era um bambu. Ah, aquela pele, aquela pele! Aquilo era uma queimada no Verão, não era gente. Não acreditas? Havia de o ter conhecido, havia de lhe morder aquela carne como eu lha mordida!» (Melo, 1990: 81). Não será, por outro lado, pormenor despiendo que o narrador de «Pesadelo» não se esforce por dissimular o seu profundo desagrado pela figura de Mateus, o mulato com quem Lucas mantinha uma relação amorosa: «Então aquele mulato escuro e esquálido era Mateus. Curioso, Lucas nunca tinha dito que Mateus era mulato, apenas que era de Quelimane e o tinha conhecido na Ota, durante a recruta» (Pitta, 2007: 52). «Quando a visita acabou, e acabou cedo porque pretextou uma saída, sabia que não gostava do fulano. Como é que um rapaz como Lucas tinha feito amizade com um arrivista? Quase tudo os distinguia: família, amizades, educação, cultura, tiques, interesses» (ibid.: 56).

⁴⁶ Neste particular, o filme *20,13*, de Joaquim Leitão (2006), espécie de *thriller* gay com paisagem colonial ao fundo, ao abordar a relação homoerótica que, num aquartelamento isolado em Moçambique, se desenvolve entre um capitão e um cabo mestiço poderia revelar-se uma saudável exceção. Contudo, o caso é dissecado com cautelosa superficialidade, passando ao lado da diferença sexual, rática e hierárquica, e enveredando pelo discurso fácil do «crime exorando» e pelo deslindamento «detectivesco» do enigma bíblico. A ação militar suicidária do capitão Pedro lembra, contudo, a do Brandão de *Nó Cego*, mesmo que este não tenha merecido condecoração póstuma.

-se permeados por um apriorismo heteronormativo que proscreve a condição homossexual para o território do desviante: por isso, estes homossexuais se imolam sacrificialmente, confiantes num resgate póstumo pelo sangue que, enfim, releve o delito involuntário da sua masculinidade defectiva; por isso, estes amores clandestinos, mesmo quando enobrecidos pelo afecto genuíno ou pela irrefutável lei da pele, não passam de fogachos estéreis dos quais nenhuma memória é digna de ser perpetuada. Sobre o amor que uniu irmãos de armas é preferível que se abata um ruidoso silêncio. Tal como nos inquisitoriais cadernos do nefando, mesmo se já não faltam as palavras para dele falar. Assim:

Remanso de solidão, mais companheirismo que paixão, necessidade de estender o corpo noutra corpo, verter nele as dores, os medos, as noites de pesadelos, a raiva que crescia todos os dias no fundo dos ossos, nas palavras, nos gestos, na vida que os limitava a um rectângulo farpado onde o único destino se confinava às certezas de que a morte espreitava nas sombras do capim e tudo era urgente, a vida e a usura dela, a liberdade era uma utopia sugada como o sangue de uns lábios febris, de sexos em vertigem alucinada, apenas. (Lobo, 2009: 34)

BIBLIOGRAFIA

- ALDRICH, Robert (2003). *Colonialism and Homosexuality*. London/New York: Routledge.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (2002). «'Longing for Oneself': Hybridism and Miscegenation in Colonial and Postcolonial Portugal». *Etnográfica* IV.1, 181-200.
- ALMEIDA, São José (12 Julho 2009). «Homossexuais perseguidos no Estado Novo». *Pública*, 16-23.
- ANTUNES, António Lobo (2004 [1979]). *Os Cus de Judas*. Lisboa: Dom Quixote.
- (1983). *Fado Alexandrino*. Lisboa: Dom Quixote.
- BARCELLOS, José Carlos (2008). «Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas». In GARCIA, Flavio (org.). *Estudos Literários Reunidos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 31-66.
- BASTOS, Susana Pereira (1997). *O Estado Novo e os seus vadios. Contribuição para o estudo das identidades marginais e da sua repressão*. Lisboa: Dom Quixote.
- BETTENCOURT, Urbano (2004). «José Martins Garcia». *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* 13, 59-64.
- BRANDÃO, Ana Maria (2008). «Breve contributo para uma história da luta pelos direitos de gays e lésbicas na sociedade portuguesa». Semana Pedagógica da União de Mulheres Alternativa e Resposta, Braga. (disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8673/1/Breve%20contributo.pdf>).
- BRUNETTI, Almir de Campos (1998). «*No Man is an Island*: a universalidade da ficção insular de Álamo Oliveira». In EARLE, T. F. (org.). *Actas do V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Vol I. Oxford-Coimbra: AIL, 435-440.
- BUTLER, Judith (1991). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London/New York: Routledge.
- CABECINHAS, Rosa, CUNHA, Luís (2003). «Colonialismo, identidade nacional e representações do "negro"». *Estudos do século XX* 3, 157-184.

- CASTELO, Cláudia (1998). «*O Modo Português de Estar no Mundo*». *O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento.
- CHARI, Hema (2001). «Colonial Fantasies and Postcolonial Identities. Elaboration of Postcolonial Masculinity and Homoerotic Desire». In HAWLEY, John C. (ed.). *post-colonial queer. Theoretical Intersections*. Albany: State University of New York, 277-304.
- CONRADO, Júlio (Maio 1989). «[recensão a] *Até Hoje (Memórias de Cão)*». *Colóquio/Letras* 109, 122-123.
- COUTINHO, Isabel (24 Agosto 2007). «A ficção gay portuguesa sai do armário». *Ípsilon*, 4-11.
- CRUZ, Décio Torres (1997, 2º semestre). «Lovers in arms: literary portrayal of male love in the military». *Gragoatá. Revista do Instituto de Letras* 3, 47-67.
- DACOSTA, Fernando (1982). *Um Jeep em Segunda Mão*. Lisboa: Ulmeiro.
- (2001). «A guerra à distância». In TEIXEIRA, Rui de Azevedo (org.). *A Guerra Colonial. Realidade e Ficção. Livro de Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 469-471.
- DAS, Santanu (2005). *Touch and Intimacy in First World War Literature*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DAUTREY, Philippe (1992). «Écrire sa guerre. Analyse d'un carnet de guerre». *Histoire & Mesure* VII.3/4, 249-280.
- DESAI, Gaurav (2001). «Out in Africa». In HAWLEY, John C. (ed.). *post-colonial queer. Theoretical Intersections*. Albany: State University of New York, 139-164.
- DIAS, Eduardo Mayone (2001). «A novelística de duas guerras perdidas: Vietname e o Ultramar Português». In TEIXEIRA, Rui de Azevedo (org.). *A Guerra Colonial. Realidade e ficção. Livro de Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 409-417.
- EBERWEIN, Robert (2007). *Armed Forces. Masculinity and Sexuality in the American War Film*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- FERRAZ, Carlos Vale (1990). *Nó Cego*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- FANON, Frantz (1975). *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Porto: Paisagem.
- GARCIA, José Martins (1996). *Lugar de Massacre*. Lisboa: Edições Salamandra.
- HARDMAN, Paul D. (1993). *Homoaffectualism. Male Bonding From Gilgamesh to the Present*. San Francisco: GLB Publishers.
- HYAM, Ronald (1992). *Empire and Sexuality. The British Experience*. Manchester: Manchester University Press.
- LISTOPAD, Jorge (Maio 1976). «[recensão a] *Lugar de Massacre*». *Colóquio/Letras* 31, 88-89.
- LOBO, Domingos (2001). «A Guerra Colonial enquanto elemento de renovação (temática e estética) da moderna ficção portuguesa». In TEIXEIRA, Rui de Azevedo (org.). *A Guerra Colonial. Realidade e Ficção. Livro de Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 433-440.
- (2005). *Os Navios Negreiros não Sobem o Cuando*. Lisboa: Vega.
- (2009). «Pena Capital». In *Território Inimigo*. Chamusca: Edições Cosmos, 29-43.
- MADUREIRA, Luís (1995). «The discreet seductiveness of the crumbling empire: sex, violence and colonialism in the fiction of António Lobo Antunes». *Luso-Brazilian Review* XXXII, 17-29.
- McGOVERN, Timothy. (2006). «Narrating Homophobia and the Closet in Portugal: Guilherme de Melo and the Emergence of Queer Canons». *Luso-Brazilian Review* XLIII, 94-110.
- MEDINA, João (1999). «*The Old Lie*: Some Portuguese Contemporary Novels on the Colonial Wars in Africa». *Portuguese Studies* 15, 149-161.
- MELO, Guilherme de (1981). *A Sombra dos Dias*. Lisboa: Livraria Bertrand.

- (1990). *O que houver de morrer*. Lisboa: Editorial Notícias.
- (2001). «Amor e sexo em tempo de guerra». In TEIXEIRA, Rui de Azevedo (org.). *A Guerra Colonial. Realidade e Ficção. Livro de Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Editorial Notícias, 187-192.
- MENDES, Paulo Simões (2006). *A anatomia do desejo refractário na obra literária de Eduardo Pitta*. Lisboa: Faculdade de Letras (dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea).
- MOSSE, George L. (1996). *The Image of Man. The Creation of Modern Masculinity*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- MOTT, Luiz (2005). «Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico Lusófono Negro». *Afro-Ásia* 33, 9-33.
- MOUTINHO, Isabel (2008). *The Colonial Wars in Contemporary Portuguese Fiction*. Woodbridge: Tamesis.
- NEVES, Helena (Abril 2004). «Amor em tempo de guerra: Guerra Colonial, a (in) comunicabilidade (im) possível». *Revista Crítica de Ciências Sociais* 68, 43-63.
- OLIVEIRA, Álamo (1997). «Por uma lágrima gorda». In *Com perfume e com veneno*. Lisboa: Edições Salamandra, 11-21.
- (2003). *Até Hoje (Memórias de Cão)*. Lisboa: Edições Salamandra.
- OLIVEIRA, Fernando Matos (2002). «[recensão a] *Persona*, Eduardo Pitta». *Colóquio/Letras* 161/162, 455-456.
- ORNELAS, José N. (2002). «The Fascist Body in Contemporary Portuguese Narrative». *Luso-Brazilian Review* XXXIX, 65-77.
- PITTA, Eduardo (2003). *Fractura. A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*. Coimbra: Angelus Novus Editora.
- (2007). *Persona*. Lisboa: Quidnovi.
- QUINTAIS, Luís (2000). *As guerras coloniais portuguesas e a invenção da História*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- RIBEIRO, Margarida Calafate (Fall 1998). «Percurso Africanos: A Guerra Colonial na Literatura Pós-25 de Abril». *Portuguese Literary & Cultural Studies* 1, 125-152.
- (2004). *Uma História de Regressos. Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento.
- SILVA, Taciano Valério Alves da (2008). *Cartografia da sexualidade masculina em filmes e romances escritos de guerra*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba (dissertação de mestrado em Literatura e Interculturalidade).
- SILVA, Tiago Matos (2007). «*Exilados em Casa*. Os veteranos da Guerra Colonial e os Limites da Nação». *Arquivos da Memória. Temas e Problemas em Antropologia* 1 (nova série), 31-39.
- TEIXEIRA, Rui de Azevedo (1998). *A guerra colonial e o romance português. Agonia e catarse*. Lisboa: Editorial Notícias.
- VIEIRA, Agripina Carriço (2008). «Homossexualidade». In SEIXO, Maria Alzira (dir.). *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 284-286.
- VILLAR, Carmen M. Ramos (2004). «War as Internal and External Battleground in Álamo Oliveira's *Até Hoje (Memórias de Cão)*». *Portuguese Studies* 20, 152-168.
- VITORINO, Sérgio (2002). «“Actos Contra a Natureza” – A repressão social, cultural e policial da homossexualidade no Estado Novo». In AAVV. *Olhares (d) a Homossexualidade – um contributo para a história da homossexualidade no século XX português*.
- YOUNG, Robert J. C. (1995). *Colonial Desire. Hybridity in Theory, Culture and Race*. London/New York: Routledge.

RESUMO:

Propõe-se uma sondagem de alguma produção ficcional sobre a guerra colonial, nela investigando a incidência de cenários afectivos homoeróticos e tentando aduzir razões explicativas da presença insistente desta (improvável) linha de sentido. Embora a forma e substância dos episódios de cunho homoerótico recenseados apresentem uma inegável diversidade, alguns motivos são objecto de convocação reiterada: a inscrição do encontro sexual numa atmosfera de cumplicidade homossocial, o erotismo como expediente catártico e alternativa de redenção, a ambiguidade transgressiva do *gender-bending* e do *drag*, a conjugação de autodescoberta homoerótica e aprendizagem psicoafectiva.

ABSTRACT:

We provide a critical overview of some fictional works dealing with the Portuguese colonial wars, specifically seeking to investigate the recurrence of homoerotic bonds and suggesting some reasons that might account for such prevalence. Even though both the form and substance of these homoerotic episodes reveal outstanding diversity, some motifs surface repeatedly in these texts: the framing of the sexual encounter within a setting of homossocial partnership, same-sex relationships as cathartic and redeeming resources, the transgressive ambiguity of *gender-bending* and *drag*, the juxtaposition of homoerotic self-discovery and psycho-affective maturation.

